

1 Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa

Abstract: Depois de uma breve apresentação da estrutura do Manual de Linguística Portuguesa, identificam-se neste capítulo as principais mudanças linguísticas que, ao longo do tempo, reconfiguraram a língua portuguesa, nos planos da fonologia, da morfologia, da sintaxe e da semântica lexical (ou outras vertentes da evolução do léxico). Em articulação com a perspetiva diacrónica, mostra-se, de forma ilustrativa e com remissões para outros capítulos do Manual, que consequências tiveram esses processos de mudança linguística relativamente à variação dialetal e sociolinguística do português europeu, à definição de áreas geolinguísticas em território português e ao afastamento ou aproximação entre o português e outras línguas românicas ou entre o português europeu e o português brasileiro.

Keywords: diacronia, variação dialetal, gramática histórica, fonologia e morfologia, sintaxe e semântica

O *Manual de Linguística Portuguesa* oferece uma visão de conjunto, mas também focada em aspetos particulares, do estado atual da investigação em linguística portuguesa, combinando abordagens panorâmicas com análises em profundidade de tópicos selecionados. O manual articula de forma integrada dados sincrónicos e diacrónicos, do português padrão e do português dialetal, da gramática do adulto e da aquisição de língua materna, com o objetivo de permitir um conhecimento abrangente de propriedades gramaticais características do português, usando os métodos, teorias e orientação comparativa da linguística contemporânea. Uma vez que a coleção *Manuals of Romance Linguistics* (MRL) incluirá um volume especificamente dedicado ao português brasileiro (MRL 21), o presente volume (MRL 16) tem por objeto o português europeu, com referências ocasionais ao português brasileiro.¹

Os capítulos panorâmicos do Manual cobrem áreas da linguística que registaram um crescimento significativo nas últimas décadas, no âmbito da investigação em linguística portuguesa, tais como o contacto de línguas (particularmente em África e na Ásia), os estudos de prosódia, as abordagens computacionais do léxico, as humanidades digitais, a linguística de corpus, a linguística clínica e a ciência cognitiva, a par de áreas

¹ A investigação para esta publicação foi suportada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do projeto WOChWEL (PTDC/CLE-LIN/121707/2010) e do financiamento UID/LIN/00214/2013 ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

mais tradicionais mas com novos desenvolvimentos, como a morfologia, a semântica e a pragmática. A área da sociolinguística tem sido pouco cultivada na esfera do português europeu (em contraponto flagrante com o português brasileiro – uma interessante questão para a historiografia linguística); o capítulo dedicado à variação sociolinguística revela que passos têm sido dados para alterar esta tendência. Outras áreas da linguística teriam pleno cabimento na parte do Manual dedicada às visões panorâmicas (Parte I), tendo em conta o seu dinamismo e impacto na investigação contemporânea em linguística portuguesa. A decisão de não incluir no Manual capítulos panorâmicos sobre a aquisição da linguagem e os crioulos de base lexical portuguesa deveu-se ao facto de a coleção incluir volumes especificamente dedicados à aquisição da linguagem (MRL 2) e às línguas crioulas (cf. prefácio). Mas a aquisição do português, como língua materna, tem uma presença forte na segunda parte do Manual (Parte II) e a referência aos crioulos de base lexical portuguesa não está ausente dos capítulos sobre o português em contacto (capítulos 2 e 3). Estes capítulos formam um par (África e Ásia/Pacífico) e não um trio (África, Ásia/Pacífico, Brasil) porque as questões de contacto linguístico no Brasil terão, com certeza, amplo espaço de debate no volume dedicado ao português brasileiro (MRL 21). As situações de contacto noutras áreas geográficas ou não têm o mesmo grau de relevância ou não se encontram suficientemente estudadas. Naturalmente, poderiam ter sido feitas escolhas diferentes e, por certo, haverá quem aponte a falta de matérias que teriam cabimento no Manual. Mas a situação seria a mesma ainda que as opções fossem outras, tendo em conta que o espaço atribuído a cada um dos volumes da coleção *Manuals of Romance Linguistics* não é ilimitado. A falta de um capítulo dedicado à Fonética Forense, que quereríamos ter tido neste Manual, foi um acidente de percurso.

Os capítulos da Parte II do Manual cobrem tópicos particulares de sintaxe, semântica, fonologia e suas interfaces com outros domínios da gramática (também aqui uma escolha entre outras possíveis). Estes capítulos apresentam o estado da arte relativamente a traços linguísticos que, pela sua especificidade, são fortemente caracterizadores do português europeu (padrão ou dialetal), tais como a colocação dos pronomes clíticos, o infinitivo flexionado, o gerúndio flexionado, os padrões de resposta a interrogativas polares, o modo conjuntivo e a redução e neutralização das vogais átonas. A par destes tópicos, incluem-se outros que são muito relevantes numa perspetiva românica e comparativa, como a ordem dos constituintes frásicos, a interação

entre coordenação e padrões de concordância, os predicados complexos, o parâmetro do sujeito nulo, e a estrutura da sílaba.

Globalmente, o Manual dá a conhecer nova evidência empírica e análises fundadas em teorias linguísticas contemporâneas, acolhendo abordagens com inspiração teórica diversa e fundadas em dados não limitados ao português padrão contemporâneo. Os capítulos baseiam-se, por isso, em dados empíricos de diferentes tipos (intuitivos, experimentais, extraídos de corpus, obtidos em trabalho de campo) e procuram combinar descrições consistentes, e acessíveis a um público que vá para além do universo dos linguistas, com as visões teóricas que emergiram da investigação contemporânea em linguística.

Na introdução que se segue será apresentada uma síntese da evolução da língua portuguesa ao longo do tempo, com referência às implicações da mudança linguística para a variação dialetal dentro do português europeu e aos percursos de afastamento ou aproximação entre o português e outras línguas românicas, bem como entre português europeu e português brasileiro. Esta apresentação não será exaustiva, implicando antes a seleção dos traços linguísticos considerados mais relevantes para caracterizar a diacronia do português, nos planos da fonologia, da morfologia, da sintaxe e da semântica lexical em articulação com a sintaxe (e com uma breve referência a outros aspetos do léxico). Procurar-se-á assim oferecer uma visão de conjunto das principais mudanças linguísticas do português (europeu) e, ao mesmo tempo, introduzir as referências bibliográficas relevantes para que o leitor possa encontrar informação diacrónica relativamente a tópicos que são tratados nos restantes capítulos do Manual numa perspetiva apenas sincrónica (por exemplo: certos aspetos da morfologia e da variação sociolinguística, o infinitivo flexionado, os predicados complexos, o sistema vocálico ou a estrutura da sílaba). A bibliografia específica que irá sendo introduzida, deverá ser completada por bibliografia de âmbito mais geral sobre a história da língua (cf. Brocardo 2014; Brocardo/Lopes 2016a; Brocardo/Lopes 2016b; Cardeira 2005; Castro 1991; 2006; Maia 1986; Marquilhas 2000; Martins 2002a; 2003; Silva 1989; 1991; 1994b; 2008a; 2008b; Teyssier 1982; Ali ⁷1971; Câmara 1975; Huber 1986; Nunes ⁸1975; Williams ³1975; cf. também ####15 A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia) ou bibliografia sobre a variação dialetal do português (cf. Cintra 1983; Segura 2013; Álvarez 2014; 2015; Álvarez/Saramago 2012; Brissos 2014, 2015; Brissos/Saramago 2014; Carrilho 2008; 2009; Carrilho/Pereira 2011; 2013; Costa/Pereira 2013; Florêncio 2001; Martins 2009; Martins/Saramago 1993; Pereira,

Sandra 2003; 2012; 2015; Pereira, Sílvia 2014a; 2014b; 2015; Saramago 1992; Saramago/Segura 2001; Segura 1988; Segura/Saramago 1999; Sória 2013; Vasconcelos 1928; 1985; cf. também ###4 Variação sociolinguística, ###18 O gerúndio flexionado no português dialetal, ###20 Predicados complexos numa perspetiva comparativa, ###21 Sujeitos nulos: gramática do adulto, aquisição de L1 e variação dialetal).

Nos Quadro-síntese 1 a 3 e 5 usa-se, com pequenos ajustes cronológicos, a periodização da história da língua portuguesa de Castro (1999; 2006), que identifica, após o período do português pré-literário, que não será aqui considerado, os períodos designados por português antigo, português médio, português clássico e português moderno (cf. Vasconcelos ⁴1966; Ali ¹1971; Vázquez Cuesta/Luz 1971; Bechara 1991; Silva 1994a; Maia 1995; Brocardo 2005).

Em cada um dos quadros, identificam-se na coluna correspondente ao português antigo os principais traços gramaticais que caracterizam o português dos séculos XIII e XIV (sendo raros, breves e linguisticamente complexos os textos escritos em português no último quartel do século XII – cf. Castro 2004; Martins 2007). Indica-se depois em qual dos períodos subsequentes se consolidou a mudança de que resultou o estado de língua do português contemporâneo. O facto de uma mudança particular estar assinalada, por exemplo, na coluna do português médio, não significa que as manifestações iniciais dessa mudança não possam vislumbrar-se já no período anterior nem que atestações de formas conservadoras não possam encontrar-se ainda no período seguinte.

Principais traços caracterizadores	Cronologia da mudança		
Português Antigo (até ao final do séc. XIV)	Português Médio (até meados do séc. XVI)	Português Clássico (até meados do séc. XVIII)	Português Moderno
Sistema de quatro sibilantes, duas fricativas apico-alveolares (/s/, /z/), com origem no S latino, e duas africadas predorsodentais (/ts/, /dʒ/), com origem em C e T latinos palatalizados. Por exemplo: [sobrãtseʎas] <sobrançelas>; [kodʒer] <cozer> / [koʒer] <coser>.	X		
Sibilantes em coda não têm realização palatal. Por exemplo: [treʃ] <três>; [fɛʃtas] <festas>; [padʒ] <paz>.		X	
Existe a oposição fonológica entre a africada palatal /tʃ/ e a fricativa palatal /ʃ/ (enquanto /dʒ/ e /ʒ/ convergem já nesta fase). Por exemplo: [kõʃʎa] <concha> / [koʎa] <coxa>.		X	
As consoantes vibrantes, simples e múltipla, têm ambas articulação anterior (i.e. alveolar). Por exemplo: [rara] <rara>.			X

Quadro 1: Fonologia: Consoantes.

A evolução fonológica do latim levou ao aparecimento de novas consoantes que, emergindo no latim vulgar ocidental, configurarão o sistema consonântico do português antigo. Dois tipos de processos assimilatórios estão na origem da ampliação do primitivo inventário consonântico do latim. Os processos de sonorização em posição intervocálica levarão à expansão da oposição surda/sonora (que no latim clássico estava reservada às oclusivas), primeiro às consoantes fricativas (/f/-/v/, /s/-/z/) e depois às novas consoantes africadas (/tʃ/-/dʒ/, /ts/-/dz/). As consoantes africadas são o produto de processos de palatalização que originaram, mais extensivamente, um conjunto de consoantes palatais (/j/, /ʒ/, /tʃ/, /dʒ/, /ç/, /ɲ/) caracteristicamente românicas, pois o sistema consonântico do latim clássico não fazia uso do ponto de articulação palatal.

Na diacronia do português observa-se uma simplificação do sistema consonântico do português antigo, com a transformação das africadas em fricativas e, concomitantemente, vários processos de convergência fonológica. A neutralização da oposição entre /dʒ/ e /ʒ/ acontece tão cedo que só alguns poucos textos de final do século XII e início do XIII manifestam a distinção ortograficamente (Martins 2007). A oposição fonológica entre o par de consoantes surdas (/f/-/tʃ/), pelo contrário, persiste na língua padrão até ao português clássico e a distinção gráfica entre <x> e <ch>, que a ortografia portuguesa mantém, reflete essa persistência. A diferente cronologia dos processos de convergência fonológica entre africada e fricativa palatal (com a convergência das surdas a ocorrer séculos depois da convergência das sonoras) também explica que a oposição /f/-/tʃ/ se mantenha numa extensa região do Norte de Portugal, sendo um dos traços caracterizadores dos dialetos portugueses setentrionais (Cintra 1971; Segura 2013), enquanto a neutralização da oposição /dʒ/-/ʒ/ não originou variação dialetal, pois estendeu-se a todo o território português. No que diz respeito às sibilantes, foi também a passagem das africadas predorsodentais /ts/-/dz/ a fricativas com idêntico ponto de articulação (/s/-/z/) que as tornou suficientemente próximas das fricativas apicoalveolares /s/-/z/ para que, em grande parte do território português, viesse a produzir-se a neutralização destas distinções fonológicas. A evolução das sibilantes produziu uma tripartição dialetal (cf. Cintra 1971; Álvarez 2014; 2015): nos dialetos centro-meridionais houve convergência fonológica a favor das predorsodentais (/s/-/z/); os dialetos setentrionais preservaram as apicoalveolares, mas fizeram-no numa área com convergência fonológica e redução do sistema a duas sibilantes (/s/-/z/), paralelamente ao que aconteceu no centro-sul, e noutra com conservação do sistema de quatro

sibilantes, mantendo portanto a distinção entre predorsodentais e apicoalveolares (/s/-/ʃ/, /z/-/ʒ/).²

Só depois da reconfiguração do sistema de sibilantes, ocorreu a mudança que consiste na palatalização do /S/ em coda, que passou a ter uma realização diferente do /S/ em ataque (por exemplo: [sɔ], [se]tɐ]). A palatalização parece ser um fenómeno essencialmente associado à área centro-meridional, onde o sistema de sibilantes se reduziu às predorsodentais (Teyssier 1980, 55–56), mas a variação dialetal na realização do /S/ em coda permanece por estudar.

A mais bem documentada das mudanças do consonantismo é talvez a evolução da africada palatal (cf. ####4 Variação sociolinguística; Álvarez 2014). Ocorrendo numa época para a qual os testemunhos dos gramáticos são já abundantes, é possível acompanhar não só a sua expansão geolinguística, do sul para o centro-litoral, como também a sua progressão sociolinguística, como mostrou Pinto (1981), de onde se extrai a informação que se segue. Em 1671, o lisboeta João Franco Barreto considera a substituição de [tʃ] por [ʃ] um «mao costume» dos «rústicos do sul», referindo-se à região a sul do Tejo. Em 1739, o transmontano João de Morais Madureira Feijó (natural da região que ainda hoje tem /tʃ/) coloca já a mudança em Lisboa, entre a população alfabetizada, sem deixar de a condenar: «nasce da criação das escolas aonde assim aprendem a escrever, e pronunciar; e ficam tão habituados, que depois não há lição que os emende». Pouco depois, em 1746, o estrangeirado Luís António Verney, nascido em Lisboa em 1713, considera, contra Madureira Feijó, que a generalização de /ʃ/ deve ser a norma porque: «Em matéria de pronuncia, sempre se-devem preferir, os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura».

A mais tardia das mudanças fonológicas registadas no Quadro 1 é o afastamento entre as vibrantes simples e múltipla, com o recuo desta para a zona uvular. Sendo uma mudança que, pelo menos na região de Lisboa, acontece só no final do século XIX, é possível ter dela um registo do processo em curso por um linguista, o foneticista José Gonçalves Viana. Em 1883, na sua obra *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, Viana toma a realização recuada da vibrante por variante individual de alguns falantes de Lisboa, mas pouco

² No castelhano, que perdeu a oposição surda/sonora para as fricativas e africadas (cf. Alonso 1962a; 1962c), não houve convergência fonológica entre /ʃ/-/ʃ/ nem entre /s/-/s/ porque a distinção entre estes pares de segmentos consonânticos aprofundou-se com o recuo da fricativa palatal para a zona velar (/ʃ/ > /x/) e a anteriorização da fricativa predorsodental para a zona interdental (/s/ > /θ/). Este tipo de afastamento entre segmentos foneticamente próximos ocorreu no português do século XIX relativamente às consoantes vibrantes (/r/- /r/ > /r/-/R/), mas neste caso o castelhano manteve a distinção entre vibrante simples e vibrante múltipla alveolares. As duas línguas divergiram ao longo do tempo neste como noutros aspetos da gramática, embora também manifestem evoluções comuns, como veremos mais adiante.

mais tarde, em 1903, já testemunha a sua expansão nos meios urbanos: «On trouvera individuellement des *r* vibrantes uvulaires, même parmi les gens qui prononcent *r* simple comme une linguale» (Viana ³1973, ¹1883, 102); «La prononciation uvulaire de *rr*, mais non pas de *-r-* (...) se répand de plus en plus dans les villes. Cependant, on la regarde encore comme vicieuse, le *rr* apical étant toujours préférable au grassement du [ʁ], qui individuellement est plus profond qu'en français ou en allemand» (Viana 1903, 19). A oposição entre vibrante simples e vibrante múltipla, de articulação alveolar, mantém-se em dialetos do português europeu mas a sua área não está delimitada e a variação poderá ser mais sociolinguística do que geográfica (cf. ###4 Variação sociolinguística).

Principais traços caracterizadores	Cronologia da mudança		
Português Antigo (até ao final do séc. XIV)	Português Médio (até meados do séc. XVI)	Português Clássico (até meados do séc. XVIII)	Português Moderno
Alta frequência de hiatos como resultado da síncope de consoantes intervocálicas latinas (mas iniciam-se já nesta fase alguns dos processos que conduzirão à sua eliminação). Por exemplo: [nuu] <nu>; [vīu] <vinho>; [taes] <tais>; [fea] <feia>; ũa <uma>.	X		
Existem as vogais nasais finais <i>ã</i> , <i>õ</i> , <i>ẽ</i> , que virão a originar, por ditongação, os ditongos [ẽw] e [ẽj]. Por exemplo: [pã] <pão>; [digã] (> [digẽw]) <digam>; [nõ] <não>; [leõ] <leão>; [digerõ] (>[diserẽw]) <disseram>; [bẽ] (> [bẽj] > [bẽj]) <bem>.	X		
Existem ditongos crescentes átonos finais que virão a ser eliminados por metátese ou síncope da semivogal (a mudança inicia-se neste período). Por exemplo: [koĩbrja] <Coimbra>; [ʃabja] <saiba>.	X		
Ditongos decrescentes [ej], [ow] estáveis (não há ainda processos de monotongação ou dissimilação). Por exemplo: [fejtu] <feito>; [powku] <pouco>.	X		
Existe o ditongo [uj], proveniente de [oj], que virá a reduzir-se a [u]. Por exemplo [lujta] <luta>; [trujta] <truta>; [eʃkujtar] <escutar>; [frujtoʃ] <frutos>; [kujtɛlu] <cutelo>; [ʃujva] <chuva>.	X		
A variação entre [ow] e [oj] tem âmbito limitado. Por exemplo: [kowɾɛla] / [kojɾɛla] <courela>; [doiru] / [dowru] <Douro>	X		
Elevação condicionada das vogais pretónicas, por harmonização vocálica. Por exemplo: [fi'ridu] <ferido>, [vi'ludu] <veludo>, [kur'tina] <cortina>, [gur'dure] <gordura>.	X		
Não existe a elevação generalizada do vocalismo átono. Por exemplo: [temẽte] <temente>; [komeɾ] <comer>; [abril] <abril>.	X	X	
A vogal [e] não sofre dissimilação quando antecede um segmento palatal (semivogal ou consoante). Por exemplo: [veʒu] (> [vɛʒu]) <vejo>; [feʃu] (> [fɛʃu]) <fecho>; [teʃa] (> [tɛʃa]) <telha>; [tepu] (> [tɛpu]) <tenho>; [dej] (> [dɛj]) <dei>			X

Quadro 2: Fonologia: Vogais.

Ao nível do vocalismo, o português manteve o sistema vocálico herdado do latim vulgar ocidental, com as características distinções tímbricas entre /e/–/ɛ/ e /o/–/ɔ/ e sem a chamada ditongação românica, que em graus e formas diversas atingiu a maior parte das línguas românicas. A evolução das vogais /ě/ e /ǫ/ latinas, em posição acentuada, é tradicionalmente usada para traçar a fronteira entre as áreas galega e portuguesa, sem ditongação, a ocidente, e as áreas astur-leonesa e castelhana, com ditongação em [je] e [we] (ou variantes), a oriente. Ao longo do tempo o sistema vocálico tónico do português manteve-se essencialmente estável. As alterações tímbricas relativamente às vogais herdadas do latim vulgar são sobretudo o resultado de processos de harmonização vocálica, que não reconfiguraram o sistema fonológico. Mudanças profundas produzir-se-ão, no entanto, ao nível do vocalismo átono, tema incontornável (e especialmente polémico) de fonologia histórica do português (cf. Carvalho 1984a; 1984b; 1984c; Hart 1955; 1959; Maia 1986; Marquilhas 2003; 2004; Martins 1985; 2006a; 2007; Naro 1971; Révah 1958; Teyssier 1982; cf. também ####24 O sistema vocálico e a redução e neutralização das vogais átonas). A redução e neutralização das vogais átonas no português europeu afastam-no do galego, com o qual partilha uma origem comum, e também do português do Brasil. Ao mesmo tempo é um dos traços do português europeu que o aproximam do catalão e do francês (partilhando com este último também a existência de vogais nasais e, nalgumas áreas dialetais particulares, outros traços do vocalismo – cf. Cintra 1971; Segura 2013; Brissos 2014; Brissos/Saramago 2014; ####4 Variação sociolinguística).

Os dados geolinguísticos parecem relevantes para reconstituir a história do vocalismo átono, i.e. as diferentes fases do processo de elevação generalizada das vogais átonas que caracteriza o português europeu. A diferença entre vogais finais (com elevação) e vogais pretónicas (sem elevação) observada no português brasileiro sugere que a elevação das vogais átonas finais precede diacronicamente a elevação das vogais pretónicas. A persistência da elevação condicionada das vogais pretónicas /e/ e /o/ no português brasileiro (e.g. [mi'ninu], [kur'tinɐ], [vi'ludu], com assimilação pela pretónica do traço [+alto] da tónica) é compatível com este cenário porque a elevação dependente de harmonização vocálica desaparece quando emerge a elevação generalizada. Por isso, as formas do tipo [fi'ridu], características do português antigo, conservam-se no galego e no português brasileiro, mas não no português europeu. Como o processo fonológico do português europeu envolve elevação e centralização (com recuo das palatais para [i]), é possível admitir que o processo de elevação precede cronologicamente a

centralização. De novo, o testemunho do português brasileiro é importante: [e] átono final eleva-se para [i], mas não se centraliza em [i] (o que também acontece em dialetos do português europeu). Assim, embora os dados das fontes textuais (e gramaticais) sejam de difícil interpretação, é legítimo admitir que a elevação das átonas finais ocorre durante o período do português médio (iniciando-se talvez antes, se admitirmos que há relação entre elevação das vogais finais e metafonia nominal – cf. Alonso 1968, 1962b; Martins 1985), enquanto a elevação das pretónicas e a centralização de [i] em [i] são mudanças do português clássico. Dada a insuficiência da evidência empírica que pode extrair-se das fontes históricas, um melhor conhecimento do vocalismo átono do português europeu contemporâneo, em particular no que diz respeito às exceções ao processo fonológico de elevação/centralização, poderá contribuir para uma melhor compreensão da evolução diacrónica das vogais átonas (cf. Marquilhas 2003; 2004; Mateus 2003; ####4 Variação sociolinguística; ####24 O sistema vocálico e a redução e neutralização das vogais átonas).

Globalmente, a evolução do vocalismo átono no português europeu não cria, internamente, variação dialetal. Todos os dialetos do português europeu exibem redução e neutralização do vocalismo átono e, portanto, nenhuma variedade dialetal conservou o processo de harmonização vocálica característico do português antigo, do galego e do português brasileiro (i.e. formas do tipo [mi'ninu], [vi'ludu]). No entanto, é possível encontrar no âmbito do vocalismo átono diversos fenómenos de microvariação, que não se restringem ao [i] átono final, não centralizado, de alguns dialetos meridionais (cf. ####4 Variação sociolinguística).

Uma consequência da redução e neutralização do vocalismo átono no português europeu (em particular o apagamento muito comum da vogal [i]) é a tolerância generalizada de núcleos silábicos vazios, criando no plano fonético «grupos consonânticos problemáticos» (cf. ####25 A sílaba na gramática do adulto e na aquisição de língua materna; Mateus/Andrade 2000). Neste aspeto é grande o contraste com o português brasileiro, ainda que a estrutura da sílaba seja basicamente a mesma nas duas variedades. O português europeu padrão apaga sistematicamente a vogal [i] em posição inicial antes de S+Consoante (embora a palatalização do /s/, como em [ʃ.kɔ.lɐ], indique que ocupa a posição de coda de uma sílaba com núcleo vazio), não introduz vogais epentéticas em palavras como *pneu*, *psicologia*, *adaptar*, *advogado*, *pseudónimo*, nem paragógicas em palavras como *stress*, *snob*, *strip*, *team* ([ʃi.mi] no português brasileiro), nem protéticas em palavras como *stress*, *snob*, em contraste com o português brasileiro.

O caso de *stress* e *snob* é particularmente interessante pois nestas palavras o /s/ inicial não palataliza no português europeu, o que mostra que não há um núcleo vazio a preceder o /s/ mas sim, de facto, o grupo consonântico S+Consoante. Ou seja, a inserção de vogal protética que se produziu em idênticas condições na evolução do latim para o português antigo deixou de se produzir no português europeu mas não no português brasileiro: latim SCHOLA > português antigo [eʃkɔla]; inglês *stress* > português europeu [stɾɛs], português brasileiro [is.tɾɛ.sɨ], grafado *estresse* (Houaiss 2001).

Relativamente à estrutura da sílaba, ocorreram mudanças significativas na evolução do latim para o português. Houve simplificação de rimas, ataques e núcleos ramificados (cf. #####25 A sílaba na gramática do adulto e na aquisição de língua materna), tendo a simplificação das rimas reduzido drasticamente o número e a natureza das consoantes em coda e conduzido à eliminação das chamadas consoantes geminadas. Por outro lado, o processo de enfraquecimento e síncope de consoantes intervocálicas criou numerosos hiatos, ou seja, teve um efeito contrário à simplificação da estrutura silábica pois originou sílabas com ataques vazios (e.g. [mala] > [ma.a] > [ma]; [regina] > [re.ĩ.a] > [ɾɛjɨɐ]; [êgo] > [ɛ.o] > [ew]; [una] > [ũ.a] > [umɐ]). Seguir-se-á, diacronicamente, um processo geral de eliminação dos hiatos que se concretiza através de diversas estratégias (mas não apaga da língua todos os hiatos, mantendo-se os que incluem a vogal *a* e uma vogal tónica alta: *lua*, *tia*, *rainha*, *Raul*). Esse processo estende-se por um período longo que vai do português antigo até ao início do período clássico, pois diferentes tipos de hiatos evoluíram de diferentes formas. Simplificadamente, pode dizer-se que os processos de crase entre vogais idênticas, de inserção da consoante nasal palatal [ɲ] depois de [ĩ] e de semivocalização de vogal átona [-baixa] se iniciam cedo, enquanto a ditongação de [e] e [o] tónicos (a segunda só nos dialetos setentrionais onde se diz [bowɐ]/[bɐwɐ]) acontece mais tarde. A forma [ũɐ], preservada por analogia com [ũ] (em contraste, por exemplo, com *lũa* > *lua*), parece ser a última a ganhar a consoante nasal labial que preenche o ataque vazio da segunda sílaba (*uma*), pelo que *ũa* aparece ainda nos textos clássicos (e está preservada dialetalmente). A evolução dos hiatos originou variação dialetal no território português, quer em relação à eliminação ou conservação de tipos particulares de hiatos quer no que diz respeito à interação entre ditongação de [é]/[ó] em hiato e monotongação dos ditongos [ej]/[ow]. Há informação valiosa sobre esta matéria nas obras de Leite de Vasconcelos (Vasconcelos 1928; 1985; Florêncio 2001), mas está por realizar uma investigação sistemática da variação dialetal decorrente dos processos de evolução dos hiatos do português antigo.

Os ditongos crescentes átonos finais do português antigo foram eliminados por síncope da semivogal ([koĩbrja] > [koĩbra]) ou por metátese ([ʃabja] > [ʃajba]), mas surgiram novos ditongos crescentes, também em posição tónica, como resultado da semivocalização de vogais em hiato, ([koĩbra] > [kwĩbra]; [nomear] > [numjar]). Comparativamente aos ditongos decrescentes, os ditongos crescentes são pouco frequentes no português e de realização instável, o que aponta para que o processo de semivocalização de vogais em hiato seja superficial, restringindo-se ao plano fonético (###25 A sílaba na gramática do adulto e na aquisição de língua materna).

O português antigo conservava todos os ditongos decrescentes herdados do latim, tanto o ditongo [ow], proveniente de [aw] do latim clássico, como os ditongos [ej], [uj], e outros, surgidos no latim vulgar através dos processos de semivocalização de consoante em coda ([lak.te] > [lajte] > [lejte]; [frũk.tu] > [frojtu] > [frujtu]) ou de metátese ([primariũ] > [primarju] > [primajru] > [primejru]; [plũwĩa] > [plovja] > [ʃojva] > [ʃujva]). Neste aspeto, o português antigo contrasta com a maior parte das línguas românicas coetâneas. Na Península Ibérica a conservação dos ditongos [ow] e [ej] caracterizava o galego, o português e o leonês ocidental face às restantes línguas ibéricas. No decurso da história do português ocorreu a monotongação dos ditongos [ow], [ej] e [uj] (de [oj], com harmonização de altura), o que corresponde sempre a uma inovação do Sul, com maior ou menor força expansiva, e originou variação dialetal no território português. O diferente traçado das isófonas que separam, em cada um dos casos, a área de monotongação da área de conservação do ditongo explica que a monotongação de [ej] seja um fenómeno dialetal, meridional, enquanto a redução de [ow] a [o] e de [uj] a [u] integram a língua padrão (cf. Cintra 1971; Álvarez 2014; 2015, no que diz respeito a [ej] e [ow]; cf. Boléo/Silva 1974; Vasconcelos 1901; 1928; 1985; relativamente à persistência de [uj] em dialetos setentrionais). Estes processos de monotongação fizeram o português divergir do galego (que mantém os primitivos ditongos), embora neste como noutros casos não haja separação entre o galego e o português setentrional (é também assim, por exemplo, em relação à inexistência da consoante /v/; cf. ###4 variação sociolinguística; Cintra 1971; Álvarez 2014).

Outras mudanças ocorreram que afetaram os ditongos decrescentes sem lhes alterar a natureza de núcleos ramificados. A variação entre os ditongos [ow] e [oj], que tinha âmbito muito limitado no português antigo, veio a expandir-se através do léxico, exibindo uma evolução cuja base pode ser a dissimilação, a analogia ou ambas (cf. Cintra 1970). Uma mudança muito mais tardia mas claramente dissimilatória é a que

afasta entre si os segmentos palatais do ditongo [ej] através do recuo da vogal [e] para [ɐ], originado [ɛj]. Um processo semelhante, mas exclusivamente dialetal e por isso impossível de datar, é o afastamento entre os segmentos labiais do ditongo [ow] através da perda do arredondamento da vogal, que passa de [o] a [ɐ], originando o ditongo [ɛw] característico de dialetos setentrionais. Estes processos de dissimilação podem ser vistos como estratégias de preservação dos ditongos, evitando a tendência para a monotongação.

A transformação de [e] em [ɐ] dá-se não só antes de [j], mas também antes de consoante palatal heterossilábica, sendo esta, parece, a mudança fonológica mais tardia no âmbito do vocalismo. Teyssier (1982, 64–65) situa-a no século XIX e aponta, citando José Inácio Roquete, autor de um *Código do Bom Tom* (Paris, 1845), que em meados do século XIX teria ainda um estatuto sociolinguístico desprestigiante: «É muito frequente entre a gente ordinária de Lisboa mudar o *e* em *a* nalgumas palavras: dizem *panha*, *lanha* por *penha*, *lenha*». Mas em 1883, numa carta dirigida a Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana observa que toda a gente em Lisboa diz assim, à exceção de «algum caturra velho» (Teyssier 1982, 65). Ao contrário do que poderia sugerir a sua cronologia tardia, a dissimilação de [e] antes de palatal é um fenómeno com bastante expansão no território português, não sendo estranho ao português setentrional (cf. ###4 Variação sociolinguística).

Por fim, e sem seguir a sequência cronológica das mudanças (os quadros-síntese são aliás, neste aspeto, apenas indicativos), cabe referir a ditongação das vogais nasais finais. Este processo de ditongação, exclusivo do português entre as línguas românicas, originou o ditongo decrescente [ẽũ] a partir das vogais nasais finais [õ] e [ã] e o ditongo [ẽj]/[ẽj] a partir da vogal nasal final [ẽ]. O complexo quadro de variação dialetal neste domínio (com as terminações átonas a escaparem frequentemente à ditongação, alguns dialetos a preservarem o ditongo [õũ] e resultados paralelos para os desenvolvimentos de [ã]/[õ]/[ẽ]) permite confirmar que o mesmo processo fonológico atua sobre as três vogais nasais [-altas], [ã], [õ] e [ẽ], transformando-as em ditongos decrescentes nasais (Martins 1995; Carvalho 1989). A convergência em *-ão* das terminações do português antigo [ã], [õ] e [ã.u] (um hiato que evolui por semivocalização) não tem paralelo nas formas do plural (i.e. [ã.es] > [ẽj] / [õ.es] > [õj] / [ã.os] > [ẽũ]), do que decorre a irregularidade da formação do plural das palavras terminadas em *-ão* (cf. ###6 Morfologia nas interfaces). Processos vários de uniformização analógica, tanto na flexão nominal (e.g. *cidadãos/cidadões*; *grãos/grães*) como verbal (e.g. *fizerão/andão*;

fazĩ/andĩ, presente do indicativo) criam variação dialetal e sociolinguística (cf. Vasconcelos 1928; 1985; Florêncio 2001; Martins 1995; Parkinson 2002).

Principais traços caracterizadores	Cronologia da mudança		
	Português Médio (até meados do séc. XVI)	Português Clássico (até meados do séc. XVIII)	Português Moderno
O sistema de demonstrativos integra formas simples (<i>este, esse</i>) e formas reforçadas (<i>aqueste, aquesse, aquele</i>). Nas formas neutras, há variação do tipo <i>esto/isto</i> , sendo as variantes com [e] mais comuns.	X		
No sistema de possessivos existem formas fracas do feminino (<i>ma, ta, sa</i>) a par das formas fortes (<i>mã, tua, sua</i>), mas a simplificação do sistema está já em curso.	X		
Existe o pronome relativo e interrogativo <i>u</i> «onde» (cognato do francês <i>où</i>), que coexiste com <i>onde</i> «de onde».	X		
O sistema pronominal integra os pronomes oblíquos <i>i, en/ende</i> (cognatos do catalão <i>hi, en</i> , do francês <i>i, en</i> , do italiano <i>vi, ne</i>).	X		
O sistema de dêiticos locativos é bipartido: <i>aqui/ali; acá/alá; acá/aló</i> .	X		
As formas verbais de segunda pessoa do plural apresentam a desinência de pessoa/número <i>-des</i> , ficando <i>d</i> em posição intervocálica quando antecedido da vogal temática: <i>-ade(s), -ede(s), -ide(s)</i> .	X		
O particípio passado dos verbos da segunda conjugação tem terminação <i>-udo</i> (<i>-ido</i> ocorre raramente).	X		
Têm pouca expressão os processos de regularização analógica (analogia gramatical), tanto no âmbito da flexão verbal como da flexão nominal.	X		
A classe gramatical das conjunções integra itens que virão a desaparecer (por ex.: <i>ca, pero, mas pero, pero que, ergo, empero (que), macar (que), segundo que/como, sol (que), mentre (que)</i>) ou que evoluirão semanticamente (por ex.: <i>pero</i> e <i>poren</i> , de explicativos para adversativos; <i>pois</i> , de temporal para explicativo).	X	X	
As formas verbais de segunda pessoa do plural e o pronome nominativo <i>vós</i> são plenamente produtivos.			X
O pronome pessoal oblíquo <i>si</i> é sempre reflexivo (nem <i>si</i> nem <i>consigo</i> são usados como formas de tratamento).			X
O clítico dativo <i>lhi/lhe</i> está em variação com <i>lhis/lhes</i> como forma de plural.			X
O pretérito-mais-que perfeito simples, o condicional e o futuro simples são plenamente produtivos.			X

Quadro 3: Morfologia.

Integravam a gramática do português antigo algumas formas pronominais que vieram a desaparecer. Globalmente, pode dizer-se que o sistema pronominal se simplificou, processo que se iniciou logo no português antigo. Por exemplo, a distinção entre o pronome acusativo *me* e o pronome dativo *mi* não se encontra senão nos primeiros textos, como o Testamento de D. Afonso II, de 1214. Neste mesmo texto regista-se

variação, relativamente aos pronomes demonstrativos, entre a forma simples *este* e a forma reforçada *aqueste*. Este tipo de variação estendia-se ao par *esse/aquesse*, enquanto a forma de terceira pessoa era invariavelmente *aquela*. As formas *aqueste* e *aquesse* (que têm paralelo noutras línguas românicas, tais como o catalão e dialetos do italiano), são já no português antigo menos frequentes do que as formas *este* e *esse*; deixam de ocorrer nas fontes escritas a partir do século XVI, mas dialetos do português contemporâneo guardam testemunho delas (cf. Vasconcelos 1901; 1985; Segura 2013). Tal como o sistema dos demonstrativos, também o dos pronomes possessivos se simplificou, com o desaparecimento das formas átonas *ma*, *ta*, *sa*. No português antigo a distinção entre possessivos fortes e possessivos fracos encontrava-se limitada às formas do feminino e as formas fortes já ocorriam em variação com as formas fracas na posição pré-nominal. Cardeira (2005) mostra que no terceiro quartel do século XIV a forma *sua* já era mais frequente do que *sa* em posição adjetival, estabilizando-se o processo de substituição das formas fracas pelas fortes na primeira metade do século XV.

Também no decurso do português médio deixa de ser produtivo o pronome relativo e interrogativo *u* (cognato do francês *où*) embora ainda se ateste esporadicamente em textos do século XVI. Sobrevive dialetalmente na forma interrogativa *u-lo* («onde está?»), com pouca vitalidade e limitada ao extremo Norte de Portugal (Moreira ²1922; Vasconcelos 1928; Silva-Villar 2001). Não chegam ao século XVI os pronomes oblíquos *i* e *en/ende* (o primeiro cognato do francês *i*, do catalão *hi* e do italiano *vi*; o segundo cognato do francês *en*, do catalão *en/ne* e do italiano *ne*). O locativo anafórico *i*, do português antigo, era um substituto de complementos verbais introduzidos pela preposição *em*. O pronome partitivo/locativo *en/ende* era um substituto de complementos verbais introduzidos pela preposição *de*. No século XV o pronome *en/ende* já não ocorre nos textos medievais e o locativo *i* integra-se no sistema dos dêiticos locativos adverbiais, deixando de ser estritamente anafórico e adquirindo a forma *aí* por analogia com o par *aqui/ali* (Teyssier 1981; Muidine 2000). Esta mudança é comum ao português, galego e castelhano. Nestas três línguas, ao contrário do catalão, francês e italiano, os pronomes fracos *i*, *en* desapareceram da língua sem terem chegado a transformar-se em pronomes clíticos (Badia i Margarit 1947; Wanner 1991, 2014; Martins 2014a). A integração de *aí* no sistema de dêiticos locativos transforma o sistema bipartido do português antigo num sistema tripartido, com três graus de proximidade para as formas em *-i* (*aqui*, *aí*, *ali*), enquanto as formas em *-á* (que perdem o *a* inicial e originam *cá*, *lá*) preservam um sistema bipartido e as formas em *-ó* (*acó*, *aló*)

desaparecem. Estas últimas mantêm-se no galego que também tem as formas *cá*, *lá* e apresenta em relação às formas em *-i* a mesma inovação que o português.

Outras modificações do sistema pronominal ocorrerão séculos mais tarde, sem relação com as do português medieval. O desuso do pronome nominativo *vós*, substituído por *vocês*, assim como a emergência do pronome *a gente*, sem substituir *nós*, parecem ser mudanças linguísticas do português moderno, embora não possa descartar-se a hipótese de que tenham emergido mais cedo, sem terem visibilidade na língua padrão (cf. Lopes 2001; 2003). O pronome *vós* é ainda admitido como forma da língua padrão em registos muito formais, embora seja geralmente excluído pelos falantes dos dialetos portugueses centro-meridionais (que mantêm a forma de acusativo/dativo *vos*). A mudança encaixa-se assim na oposição Norte-Sul que é central na paisagem dialetal portuguesa (cf. Segura 2013). A inovação *a gente*, por seu lado, abrange todo o território português embora com implantação mais forte no centro-sul (cf. Sória 2013). Em interação com o desaparecimento do pronome *vós* várias alterações se produzem no sistema das formas de tratamento, uma das quais é o desenvolvimento de um valor não reflexivo para o pronome *si* (e a forma *consigo*). A fixação de *lhes* como forma de dativo plural (em oposição ao dativo singular *lhe*) é também uma mudança tardia, que regulariza a morfologia dos pronomes clíticos de terceira pessoa no que diz respeito à expressão gramatical da distinção de número.

Fora do sistema pronominal produzem-se alterações importantes na morfologia verbal. No português médio as formas de segunda pessoa do plural perdem a consoante inicial do morfema de pessoa-número *-des* quando esta se encontra em posição intervocálica, originando hiatos que evoluirão de forma regular na primeira e terceira conjugações e não regular na segunda, com provável influência analógica do modelo flexional da primeira: *-ades* > *-aes* > *-ais*; *-edes* > *-ees* > *-es/-eis*; *-ides* > *-ies* > *-iis* > *-is* (cf. Cardeira 2005; ###6 Morfologia nas interfaces). Ainda no português médio os participípios passados em *-udo* dos verbos da segunda conjugação dão lugar a participípios passados em *-ido*, aprofundando a proximidade entre os modelos flexionais dos verbos da segunda e terceira conjugações. A motivação para esse processo de analogia terá sido a irregularidade morfológica dos participípios em *-udo*, que exibiam antes do morfema de participípio passado *-do* uma vogal diferente da vogal temática, contrariamente aos verbos da primeira e terceira conjugações (cf. Cardeira 2005).

A analogia gramatical não é um tipo de mudança que se encontre limitada a uma época particular. Mas na história do português pode considerar-se que o português

médio constitui um período crítico no domínio da regularização analógica, tanto no âmbito da flexão verbal como nominal. Durante este período foi significativamente reduzida a variação exibida ao nível da flexão verbal pelos textos dos séculos XIII e XIV (cf. Colaço/Cardeira 2013; Piel 1944; Williams ³1975; Meier 1948). A regularização analógica manifestou-se de diferentes formas: eliminando alguns participípios fortes (*bento – benzido, colheito – colhido, escolheito – escolhido, defeso – defendido, roto – rompido*; cf. Barros 2002), uniformizando certas formas do futuro a partir do infinitivo (*salrei – saírei, valrei – valerei, terrei – terei, porrei – porei, verrei – virei*), eliminando alternâncias consonânticas nos radicais verbais (*adugo – aduzo, bengo – benzo, senço – sinto, jaço – jazo*), fixando para a terceira conjugação as alternâncias vocálicas [u]/[ɔ] e [i]/[ɛ] (*dormo – durmo, descobra – descubra, sento – sinto, serva – sirva, mença – minta*; cf. Martins 1988; Barbato 2012), estabelecendo os paradigmas flexionais dos verbos *ser* e *estar*, e reduzindo, em geral, o grau de marcação morfológica de outros verbos irregulares (e.g. *moiro/moira – morro/morra; fiz/fize, fezeste – fiz, fizeste*; sobre variação dialetal e sociolinguística nos pretéritos fortes, cf. Mota/Rodrigues/Soalheiro 2013; Barbosa/Flores/Bastos-Gee 2016).

Fora da flexão verbal, a analogia teve um papel importante, por exemplo, na criação de formas específicas para o feminino nas palavras terminadas em *-or, -ol, -ês* e *-nte* (*senhor, m./f. – senhor, m./senhora, f.; espanhol, m./f. – espanhol, m./espanhola, f.; português, m./f. – português, m./portuguesa, f.; infante, m./f. – infante, m./infanta, f.*) e na mudança de género das palavras terminadas em *-agem* que eram empréstimos lexicais ao francês (cf. Cardeira 2005).

Os processos de regularização analógica constituíram-se numa fonte inesgotável de variação dialetal e sociolinguística, com consequências também para a diferenciação entre as normas portuguesa e brasileira. Sirva de exemplo a oposição [o]/[ɔ] nas formas nominais, criada pela metafoia por [u] final, mas eliminada ou expandida através, respetivamente de processos de uniformização ou de extensão analógica. O padrão brasileiro tem *s[o]gro/s[o]gros* e *b[o]lso/b[o]lsos*, o padrão português tem *s[o]gro/s[ɔ]gros* e *b[o]lso/b[ɔ]lsos*. *B[o]lsos* (com vogal [o] de [ũ] latino) e *s[ɔ]gros* (com vogal [ɔ] de [ö] latino) são formas resultantes de evolução fonológica regular; *s[o]gros* resulta de uniformização analógica (a forma do plural adota a vogal radical da forma do singular, como o português europeu padrão faz em *ac[o]rdo/ac[o]rdos*, ainda que muitos portugueses digam *ac[o]rdo/ac[ɔ]rdos*); *b[ɔ]lsos* resulta de extensão

analógica da alternância [o]/[ɔ] a palavras em que não é o resultado regular da atuação da metafonía sobre a vogal radical da forma do singular mas não do plural.

Voltando à morfologia verbal, a par da perda do pronome nominativo *vós*, desapareceram do português padrão as formas verbais de segunda pessoa do plural, ainda que os dialetos setentrionais, em geral, as conservem (cf. Segura 2013, 130–131). No português padrão foram substituídas pelas formas de terceira pessoa do plural. Outras mudanças no sistema verbal, como o decréscimo de produtividade do pretérito mais que perfeito simples (afastando o português do galego), do condicional (parcialmente em variação com o imperfeito do indicativo) e do futuro simples (como expressão de tempo mas não de modo), terão ocorrido também nos últimos séculos (cf. Brocardo 2010a; 2010b; Lima 2014; Marques 2013; Oliveira 2013; Segura 2013, 131–132; ###12 Semântica e pragmática).

Uma referência final ao domínio complexo dos conectores oracionais e sua evolução ao longo do tempo. Mais uma vez o português médio é um período crítico, ainda que muito continue a acontecer mais tarde, envolvendo renovação lexical, mudança semântica e processos de gramaticalização (cf. Lima 2014; Barreto 2002; Silva 1989; 1994b; Fiéis/Lobo 2008; 2009; sobre processos de gramaticalização de preposições e locuções preposicionais, cf. Poggio 2002a, 2002b). O desaparecido pronome oblíquo *en*, por exemplo, contribuiu para criar o conector adversativo *porém*, que na origem era uma locução conclusiva/explicativa (*por en(de)* = <por isso>).

O Quadro 4 dá-nos uma ideia do muito que o inventário de itens gramaticais mudou no decurso do português médio, fazendo com que formas comuns no português do século XIII fossem sentidas como «antigas» no século XVI e, por isso, desadequadas ao padrão literário. Os textos medievais *Demanda do Santo Graal* e *Livro de José de Arimateia* são parte do ciclo arturiano da Post-Vulgata, traduzido para português a partir do francês no século XIII (Castro 1983; 1993). Embora não se conserve o original, a cópia quatrocentista da *Demanda do Santo Graal* é conservadora e reflete bem a língua do original duocentista. A cópia quinhentista do *Livro de José de Arimateia* é, pelo contrário, intencionalmente inovadora, tendo sido executada com o objetivo de limpar o texto de formas desusadas no século XVI, pelo menos ao nível da língua padrão (cf. Martins 2013). Comparando os dois textos fica muito visível quais os itens gramaticais do original que foram, em geral, eliminados pela cópia quinhentista do *Livro de José de Arimateia*. Nas primeiras linhas do Quadro 4 aparecem os itens já referidos no Quadro 3; os restantes aparecem por ordem alfabética.

Itens gramaticais	Nº de ocorrências	
	Demanda do Santo Graal	Livro de José de Arimateia
<i>sa</i>	582	0
<i>ta</i>	33	0
<i>ende</i>	902	1
<i>en</i>	323	2
<i>u/hu</i>	511	2
<i>acá</i>	35	0
<i>alá</i>	49	0
<i>adur</i>	20	0
<i>al</i>	115	12
<i>alhur</i>	20	0
<i>ar/er</i> (cf. Filipe 2007)	146	0
<i>ca</i>	2259 (completivo, comparativo, explicativo/causal)	137 (só explicativo/causal)
<i>certas</i>	222	0
<i>Chus/Chos</i>	31	0
<i>desi/dessi</i>	102	2
<i>mentre</i>	64	0
<i>rem/ren</i>	278	0
<i>toste</i>	124	0
<i>de consum, de sũu</i>	40	0
<i>sem falha</i>	128	0

Quadro 4: Mudança linguística entre o português antigo e o português clássico, de acordo com o testemunho da cópia quinhentista do Livro de José de Arimateia.

Vejamos de seguida quais os principais aspetos em que a sintaxe do português mudou ao longo do tempo. A cronologia dos casos de mudança sintática identificados no Quadro 5 parece indicar que, neste domínio da gramática, o período do português médio é menos crítico do que nos domínios da mudança fonológica e morfológica. Na verdade, o século XVI é a época sensível para muitos aspetos da mudança sintática. Isso dificultou, em alguns casos, o preenchimento do Quadro 5 pois havia que escolher entre considerar como ponto de viragem para a mudança o final do período do português médio ou o início do período do português clássico. Escolheu-se, em geral, a segunda opção, porque mesmo nos casos em que já há atestações da inovação antes de meados do século XVI, a consolidação da mudança parece produzir-se no português clássico, como acontece, por exemplo, com a expansão das estruturas de *se* impessoal, de infinitivo flexionado dependente de verbos causativos e percetivos ou de cliticização ao infinitivo com verbos de reestruturação. Se a opção tivesse sido assinalar a cronologia das primeiras atestações, a marca «X» estaria nestes casos na coluna do português médio. Seguiu-se, afinal, o mesmo critério que para a fonologia e a morfologia, já que muitas das inovações marcadas nos Quadros 1 e 2, acima, na coluna do português médio encontram-se atestadas desde o português antigo. No que diz respeito à variação entre pronomes fortes e pronomes clíticos dativos, as frases do tipo *vendo a vós* deixam de ocorrer nos textos notariais estudados por Martins (1994) no final do século XV (Lisboa) ou início do século XVI (Noroeste). Não quer isto dizer que este ou outro tipo de pronomes fortes usados como objeto direto ou indireto (fora das estruturas de redobro do clítico que encontramos no português contemporâneo), não possam atestar-

se, residualmente, em época posterior. Também as orações adverbiais gerundivas introduzidas pela preposição *sem* perdem visibilidade a partir do final do século XV.

Principais traços caracterizadores	Cronologia da mudança			
Português Antigo (até ao final do séc. XIV)	Português Médio (até meados do séc. XVI)	Português Clássico (até meados do séc. XVIII)	Português Moderno	
Podem ocorrer formas fortes dos pronomes pessoais em lugar dos pronomes clíticos (sobretudo dativos: <i>vendo a vós</i>).	X			
O gerúndio ocorre a par do infinitivo em orações completivas e nas adverbiais introduzidas por <i>sem</i> (<i>nom pode ora hy al ffazer ssem oyndo as partes</i>).	X			
A construção de <i>se</i> passivo não está em variação com a construção de <i>se</i> impessoal (que resulta da reanálise de <i>se</i> passivo).		X		
As orações infinitivas dependentes de verbos causativos e percetivos não admitem o infinitivo flexionado.		X		
O infinitivo flexionado ocorre, com valor imperativo, em frases raiz, em variação com o conjuntivo (<i>E fazerem a dita casa e refazerem de todo caso fortotyto / E a faca e refaça de todo caso furtuyto</i>).		X		
É muito rara a cliticização ao infinitivo em estruturas que admitem a subida do clítico. Nas mesmas estruturas não ocorre a negação na oração infinitiva.		X		
Existe interpolação generalizada (i.e. um clítico pré-verbal pode estar separado do verbo por qualquer constituinte sintático).		X		
Existe variação entre ênclise e próclise nos contextos que no português contemporâneo apresentam ênclise obrigatória.		X		
Ocorre a ordem SOV em variação com a ordem SVO em orações subordinadas e em tipos particulares de orações principais (<i>Quando Boorz esto ouvio; se eles aas aventuras do Santo Graal falecerem; já nós este cervo outra vez vimos</i>).		X		
O particípio passado de tempos compostos com <i>haver/ter</i> pode apresentar marcas de concordância com o objeto direto.		X		
O gerúndio é a opção normal na construção progressiva com <i>ser/estar/andar</i> (<i>sija pensando; andava buscando</i>) e nas orações pequenas dependentes de verbos percetivos (<i>viu-os rezando</i>).			X	
Os objetos diretos e indiretos topicalizados são obrigatoriamente retomados por um clítico, i.e., está disponível a construção de «Deslocação à Esquerda Clítica», mas não a construção de «Topicalização».			X	
É rara a ocorrência do artigo definido antes de possessivo.			X	
Não existe a inversão nominal negativa com <i>algum</i> (i.e. <i>algum</i> é um item bipolar em posição pré- ou pós-nominal).		X	X	
Em vários aspetos (extraposição, <i>que/quem, cujo, qual</i>), as estruturas relativas exibem opções que deixaram de ser gramaticais no português (a par das que vieram a fixar-se).		X	X	

Quadro 5: Sintaxe.

Nalguns aspetos a sintaxe do português evoluiu como a das outras línguas iberorromânicas. É o caso da ordem SOV, muito característica da sintaxe medieval, que no português se encontra ininterruptamente desde os primeiros textos até, pelo menos, ao final do século XVI, que ocorria tanto em frases finitas como não finitas e que consistia na anteposição do objeto relativamente ao verbo, mantendo-o numa posição interna à frase. O objeto anteposto podia ser de qualquer natureza, incluindo complementos oracionais, e encontra-se tanto em domínios finitos como não finitos (*sem aventura achar que de contar seja*). A ordem SOV da sintaxe medieval não tem a distribuição da ordem SOV latina, ocorrendo tipicamente em orações subordinadas (finitas ou não finitas), mas também em frases independentes e orações principais que incluam proclisadores (cf. Martins 2002b; 2005, 2011; ###15 A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia). (Para uma discussão de outros aspetos da evolução da ordem dos constituintes frásicos, com foco na inversão do sujeito e na chamada «ordem V2», cf. Eide 2006; Fiéis 2003; Galves/Gibrail (aceite); Galves/Kroch 2016; Kaiser 1999; 2002; Martins 2014b; Ribeiro 1995a; 1995b; Rinke 2007; 2009; Salvi 1990; 2000; para uma discussão e análise da interação entre estruturas relativas e extraposição, gerando sintagmas nominais descontínuos, cf. Cardoso 2010, aceite; sobre a posição do sujeito em orações gerundivas, numa perspetiva diacrónica e dialetal, cf. Fiéis/Lobo 2010; Lobo/Carrilho 2015).

Outra mudança comum às línguas iberorromânicas é a emergência da construção de *se*-impessoal como resultado da reanálise de *se*-passivo (Naro 1976; Lapesa 1981; 2000), mudança que está na base de outras mais tardias e geradoras de variação. O português brasileiro separa-se do português europeu ao perder a construção de *se*-passivo, embora o padrão escrito ainda a conserve (Nunes 1990; 1991). No português europeu não está estudada a repartição dialetal das duas construções mas *se*-nominativo apresenta nos dialetos do português europeu (com maior incidência no centro-sul e Açores) diferentes graus de defetividade que originam construções não padrão, uma das quais é a construção de duplo sujeito (*A gente chama-se rãs a isto; Chama-se-lhe a gente espigas; Cá nunca se usaram isso; Com licença de caça e tudo, não se podemos caçar*; Martins 2009). Por outro lado, só no final do século XX se atribui às estruturas de *se*-impessoal com verbos transitivos (precisamente o contexto sintático em que *se*-impessoal emergiu como reanálise de *se*-passivo) o estatuto de formas normativas

(Peres/Móia 1995, 235), o que sugere que este seria um bom tema para um estudo sociolinguístico.

Noutros casos, um ponto de partida comum, em aspetos essenciais, originou acentuada divergência entre as línguas românicas, como acontece relativamente à colocação dos pronomes clíticos (###15 A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia), domínio em que o português brasileiro divergiu radicalmente do português europeu (cf. Carneiro 2005; Lobo 2001; 2002). Certas estruturas infinitivas mostram também evoluções divergentes a partir do que parece ter sido uma relativa unidade inicial (###20 Predicados complexos numa perspetiva comparativa; cf. Miller 1992; Silva 2012; Ciutescu 2013a, 2013b). Os domínios infinitivos associados aos verbos de controle e elevação excluía, no português medieval, o marcador de negação predicativa e, em geral, os pronomes clíticos, tornando assim a subida dos clíticos obrigatória. Os verbos causativos e percetivos associavam a estas características a exclusão do infinitivo flexionado. Tomados conjuntamente estes factos mostram que a estrutura funcional destas orações infinitivas se expandiu ao longo do tempo, tornando-as domínios menos defetivos (cf. Martins 2006b, aceite; sobre os reflexos dialetais desta mudança nas estruturas com verbos causativos e percetivos, cf. Pereira 2012 e ###20 Predicados complexos numa perspetiva comparativa). Ao mesmo tempo que se expandia para as estruturas causativas e percetivas, o infinitivo flexionado (originado possivelmente no pretérito imperfeito do conjuntivo latino; cf. Martins 2001; Harris 2013; Scida 2004) deixou de ocorrer nas frases raiz de modalidade imperativa que o permitiam no português medieval, em variação com o conjuntivo (*e se achassem que Moor Eanes siia no plazo com seu marido ualerlj seu plazo e se achassem que non siia no plazo que lhe fizesse o abade plazo*; Martins 1994).

No português medieval, o gerúndio encontrava-se em variação com o infinitivo em orações completivas e algumas orações adverbiais (especialmente as introduzidas pela preposição *sem*), mas veio a ser substituído pelo infinitivo, que sempre foi a opção mais comum nestes contextos (cf. Fiéis/Lobo 2011). Mais tarde o gerúndio voltaria a perder espaço para o infinitivo. Na construção progressiva com auxiliares como *estar*, *andar*, *ficar*, *começar* e nas orações pequenas dependentes de verbos percetivos, o gerúndio foi substituído por *a*+infinitivo nos dialetos setentrionais e do centro-litoral, tendo a língua padrão adotado a inovação. O português brasileiro manteve o gerúndio, contrariamente ao português europeu. A existência de uma fronteira muito nítida entre dialetos com *a*+infinitivo e dialetos com gerúndio no mesmo tipo de contexto sintático mostra que é possível definir áreas dialetais no território português com base em traços sintáticos

(Carrilho/Pereira 2011; 2013; Pereira, 2014a). As áreas em que o gerúndio não foi substituído por *a*+infinitivo são também aquelas em que emergiu o gerúndio flexionado (###18 O gerúndio flexionado no português dialetal), um facto revelador da relevância de incluir a sintaxe na investigação geolinguística (cf. Martins 2009). Assim, o facto de o gerúndio flexionado estar registado no galego, mas não nas variedades portuguesas setentrionais, deixa de ser surpreendente

Por vezes, o português e as outras línguas iberorromânicas mostram evoluções comuns que as opõem a línguas como o francês e o italiano. É o caso da perda da expressão morfológica de concordância entre participio passado e objeto, um padrão que aliás já não era sistemático no português antigo. Este tipo de oposição (que junta do mesmo lado as línguas iberorromânicas, mas com o catalão a alinhar por vezes com o francês e o italiano) tornar-se-á mais evidente quando comentarmos o Quadro 6.

Algumas inovações do português moderno afastam-no, em maior ou menor grau, da generalidade das línguas românicas. O português desenvolveu a par da construção de Deslocação à Esquerda Clítica, comum à generalidade das línguas românicas, a construção de Topicalização (###14 Ordem dos constituintes frásicos: sujeitos invertidos; objetos antepostos), no que coincidem português europeu e português brasileiro, mas o português europeu se afasta dos seus vizinhos mais próximos, ou seja, o galego e o espanhol.

Quanto à generalização do uso do artigo definido antes de possessivo, português europeu, português brasileiro e galego evoluem na mesma direção, mas o português europeu é a língua em que a expansão do uso do artigo é mais radical, tornando-o, em geral, obrigatório, enquanto o português brasileiro apresenta uma larga margem de opcionalidade (cf. Rinke 2010; Silva 1982; 1996; Álvarez/Xove 2002; Silva Domínguez 2002). Alguns dialetos do português europeu, sobretudo insulares, exibem um certo grau de conservadorismo ao permitirem a ausência do artigo antes de possessivo quando este precede um nome de parentesco (Carrilho/Pereira 2011; 2013).

Por fim, o português e o espanhol evoluíram na mesma direção ao associarem a posição pós-nominal do quantificador indefinido *algum* à expressão da polaridade negativa, o que não acontecia no português medieval (*se aqui ficardes em esta furesta, toste vos poderia vïir ende mal algũũ*; Martins 2015a). Mas o português levará a evolução mais longe do que o espanhol, reanalisando o item de polaridade negativa constituído por Nome+*algum* como item de polaridade negativa forte, capaz de exprimir a negação sem estar sobre o escopo do operador de negação predicativa. Assim, enquanto uma frase como *Não aconteceu coisa alguma* é gramatical tanto no português como no espanhol contemporâneos, só o português admite também *Coisa alguma aconteceu*. Além disso, o português alargou a inversão nominal negativa ao quantificador *nenhum*.

A coincidência cronológica entre um conjunto de mudanças que ocorreram no final do século XVIII (i.e. artigo antes de possessivo; inversão nominal negativa com *algum/nenhum*, com as características que tem no português contemporâneo;

desaparecimento do pronome de referência [+humana] *nenhum*, substituído por *ninguém*; restrição da posição de *cujo* à posição pré-nominal e outros aspetos das estruturas relativas) permite sustentar a hipótese de uma mudança paramétrica ao nível da estrutura funcional do sintagma nominal, envolvendo o requisito de dar conteúdo fonológico à categoria Determinante (cf. Martins 2015a; 2015b).

Principais traços caracterizadores	Cronologia da mudança		
Português Antigo (até ao final do séc. XIV)	Português Médio (até meados do séc. XVI)	Português Clássico (até meados do séc. XVIII)	Português Moderno
<i>Haver</i> é um verbo existencial e um verbo de posse. Como verbo de posse, começa a atestar-se em variação com <i>ter</i> ainda neste período.	X		
O verbo copulativo <i>ser</i> ocorre tanto com «predicados de indivíduo» como com «predicados de estágio» (<i>ser português</i> a par de <i>ser faminto</i>), mas a oposição <i>ser/estar</i> já começa a delinear-se (i.e. <i>ser português</i> vs. <i>estar faminto</i>).	X		
Os auxiliares dos tempos compostos são <i>haver</i> e <i>ser</i> , mas o sistema já está a mudar (excluindo <i>ser</i> e substituindo <i>haver</i> por <i>ter</i>).	X		
Os itens de polaridade negativa <i>nenhum</i> , <i>nada</i> , <i>ninguém</i> , <i>jamais</i> co-ocorrem com <i>não</i> independentemente da sua posição em relação ao verbo, estabelecendo com o marcador de negação predicativa uma relação de «concordância negativa».	X		
As palavras <i>rem</i> , <i>cousa</i> , <i>homem</i> , <i>al</i> , <i>parte</i> incluem-se entre os itens de polaridade negativa (minimizadores). A sua interpretação polar depende do contexto frásico. Como minimizadores requerem a presença de um marcador de negação.	X		
O item de polaridade <i>algum</i> é bipolar, podendo estabelecer relações de «concordância negativa», e estando assim em variação com <i>nenhum</i> (<i>E foram ally mortos XIII cavallos dos cristãos, pero nō morreo allgũ dos senhores que em elles herã, e assy se tornou dō Duarte allegre</i>).	X		
<i>algum</i> e <i>nenhum</i> são comuns como pronomes de referência [+humana], sendo <i>alguém</i> e <i>ninguém</i> infrequentes.		X	X
Os itens de polaridade negativa <i>nenhum</i> , <i>nada</i> , <i>ninguém</i> , <i>jamais</i> podem ocorrer sem interpretação negativa em contextos modais não negativos (reservados a itens de polaridade positiva no português moderno)			X

Quadro 6: Semântica lexical e sintaxe.

Duas importantes mudanças do âmbito da semântica lexical, com repercussões na sintaxe, ligam o português, o espanhol e o galego. Nas três línguas reconfigurou-se o

espaço semântico e a distribuição sintática dos verbos *haver* e *ter*, por um lado, e *ser* e *estar*, por outro. *Haver* é no português do século XIII tanto um verbo existencial como um verbo de posse, mas como verbo de posse virá a ser substituído por *ter*, mudança que aliás começou a manifestar-se ainda no período do português antigo (Brocardo 2006; Silva 1994b; 2002b; 2002c). O português brasileiro levou a mudança ainda mais longe, substituindo *haver* por *ter* também como verbo existencial, em contraste com o português europeu. Alguns dialetos portugueses, concretamente os dialetos insulares (Açores e Madeira), exibem o mesmo processo de substituição de *haver* existencial por *ter*, embora sem o grau de consolidação da mudança que se observa no português do Brasil (Avelar/Callou 2007; 2012; Carrilho/Pereira 2011). Quanto aos verbos *ser* e *estar*, produziu-se ao longo do tempo uma especialização de *ser* como cópula de «predicados de indivíduo», enquanto *estar* adquiriu o estatuto de cópula de «predicados de estádio», substituindo neste domínio o verbo *ser* (Silva 1994b; 2002a; 2002c; Marquilhas 2009). Tanto a redistribuição de papéis sintático-semânticos de *ser/estar* como de *haver/ter* separam o português, o galego e o espanhol do francês e italiano que, neste aspeto (como em relação à concordância entre particípio passado e objeto e à persistência dos pronomes oblíquos *en/i*), têm propriedades gramaticais semelhantes às do português e espanhol medievais (ou seja, inverte-se aqui o posicionamento das línguas que são tradicionalmente descritas como conservadoras ou inovadoras com base sobretudo em traços fonéticos, o que mostra que a dicotomia língua conservadora/língua inovadora tem pouco interesse numa perspetiva descritiva e conduz a classificações potencialmente falaciosas).

Os verbos *ser*, *haver* e *ter*, como auxiliares de tempos compostos, integram um quadro evolutivo comum e, também neste caso, o francês e o italiano contemporâneos ilustram as propriedades gramaticais que encontramos no português antigo.³ No português do século XIII *ser* ocorre como auxiliar com verbos inacusativos, *haver* é o auxiliar com outros tipos de verbos. Depois *haver* substitui *ser*, deixando o sistema de integrar auxiliares distintos para diferentes verbos, mas virá a ser substituído por *ter* (cf. Ribeiro 1996; Brocardo 2006; Silva 1994b; 2002b; 2002c). Como ambas as evoluções

³ Historicamente, o catalão começa por alinhar com o francês e o italiano tanto em relação aos verbos *ser/estar* e *ter/haver* como ao padrão de verbos auxiliares, mas ao longo do tempo desenvolveu processos evolutivos na mesma direção que o espanhol, mantendo contudo características próprias e exibindo nestes aspetos maior variação dialetal que as outras línguas ibéricas. *Ser* mantém-se como auxiliar dos tempos compostos, com verbos inacusativos, no rossellonès, nos dialetos baleares e em alguns dialetos pirenaicos, enquanto os restantes dialetos do catalão usam sempre o auxiliar *haver* (agradeço esta informação, bem como as referências bibliográficas que se seguem, a Ares Llop). Cf. Aramon i Serra (1957); Ramos Alfajarín (2000); Rojas (2004); Batllori (2007).

começam cedo e se estendem por um período longo, pode haver sobreposição no tempo entre os dois padrões de substituição, o que torna o processo particularmente complexo e a interpretação dos dados oferecidos pelas fontes textuais nem sempre fácil. A substituição do auxiliar *ser* pelo auxiliar *haver* é uma mudança comum ao português e ao espanhol, mas a substituição de *haver* por *ter* é uma inovação específica do português. (Sobre a presença, marginal, do pretérito perfeito composto no português medieval e clássico e sobre o desenvolvimento do também impropriamente chamado «pretérito perfeito composto» do português moderno, cf. Amaral/Howe 2012; Brocardo 2013; Cardoso/Pereira 2003)

No domínio da semântica lexical em relação com a sintaxe, a outra grande área de mudança na história do português é a da negação, palavras negativas e itens de polaridade em geral (Martins 1997; 2000; 2015b; Moraes 2001; Pinto 2015). Em contraste com o francês e o catalão, mas identicamente ao espanhol, o português perdeu toda uma série de minimizadores indefinidos (*rem*, *cousa*, *homem*, *al*, *parte*, etc.) que estão bem representados em alguns textos medievais mas virão a desaparecer sem que nenhum deles tenha sido reanalisado como palavra negativa. Assim, por exemplo, *rem*, um dos primeiros minimizadores a perder-se, deixa de se atestar no final do português antigo (cf. Quadro 4 acima). Perde-se também no espanhol, é residual no galego,⁴ mas os seus cognatos francês (*rien*) e catalão (*res*) tornam-se palavras negativas plenamente produtivas.

Perdidos os minimizadores, o português manteve os indefinidos negativos (*nenhum*, *nada*, *ninguém*), mas também estes mudaram ao longo do tempo. Começam por ser itens de polaridade negativa fracos, capazes de ocorrer em contextos modais, não negativos (*E ante que outro nenhũu falasse, disse o conde dõ Fernã Gonçalves*) e exigindo a presença do operador de negação predicativa mesmo quando precedem o verbo (*nenhũu nõ scapou*). Mas no português médio, e esporadicamente no português antigo, a co-ocorrência entre os indefinidos negativos e o operador de negação predicativa já se mostra opcional e os indefinidos negativos estão a caminho de se tornarem itens de polaridade negativa fortes (capazes de exprimirem só por si a negação). No entanto, exibirão ainda, até ao português moderno, ambiguidade lexical entre itens de polaridade negativa fortes e itens de polaridade modal. Esta segunda

⁴ «A forma xeral para «non humano, non animado» é *nada*, pero tamén se empregan *ren* ou *res*, se ben só como OD, sempre tralo verbo e con frecuencia precedidas de *nin*. *Ren* e *res* son dúas variantes de fala, hoxe de escaso uso, aceptadas ambas na norma actual como opcionais: *Falamos bastante tempo, pero non quixo dicir (nin) ren/res*». (Álvarez/Xove 2002, 487).

possibilidade acabar-se por perder-se, mais uma vez afastando o português das outras línguas românicas (e.g. Francês *Pierre est parti avant que personne ait pu faire aucun geste*; Português **O Pedro saiu antes que ninguém tivesse podido fazer nenhum gesto/O Pedro saiu antes que alguém tivesse podido fazer um gesto*; Catalão *Demana-li si en sap res?*; Português **Pergunta-lhe se sabe nada?/Pergunta-lhe se sabe alguma coisa*). Embora os itens de polaridade negativa mostrem um desenvolvimento na mesma direção na maioria das línguas românicas (excluindo o romeno e o veneziano), o português leva a evolução mais longe. No português, os itens de polaridade negativa especializaram-se exclusivamente na expressão da negação, passando a estar excluídos de qualquer outro tipo de contexto polar.

Paralelamente, os itens de polaridade positiva (como *algum*, *alguém*) deixaram de poder ocorrer em contextos negativos, ou seja, passaram a ser verdadeiramente itens de polaridade positiva (fracos) e já não itens bipolares. Assim, palavras como *algum* e *nenhum*, que podiam estar em variação nos mesmos contextos sintático-semânticos no português medieval (*des onte ao serão não ouvemos algũa/nenhũa folga*), passaram a estar em distribuição complementar: *algum* nos contextos afirmativos (assertivos) e modais (também chamados «contextos negativos fracos»), *nenhum* nos contextos estritamente negativos.

Por fim, as mudanças no domínio dos itens de polaridade integram um outro caso de especialização lexical: *nenhum* e *algum* deixam de ser pronomes de referência [+humana], substituídos nesta função pelas palavras *ninguém* e *alguém*, que são raras no português medieval, ganham expressão e crescem em frequência no português clássico e consolidam a sua posição, deixando de estar em variação com *algum* e *nenhum*, no português moderno.

Há marcas residuais nos dialetos portugueses quer da evolução dos auxiliares dos tempos compostos quer da evolução das palavras negativas, mas em nenhum dos casos as formas antigas parecem ter vitalidade significativa (ainda que estes sejam domínios para os quais não há estudos sistemáticos).

Léxico (verbos, nomes, adjetivos)	Nº de ocorrências		Possíveis substitutos em Arimateia
	Demanda	Arimateia	
<i>acalçar</i>	52	0	<i>alcançar</i>
<i>aduzer</i>	82	0	<i>trazer</i>
<i>assuar / assuar</i>	46	0	<i>ajuntar, juntar</i>
<i>avir</i>	328	29	<i>acontecer</i>
<i>catar</i>	159	15	
<i>coitar</i>	23	1	
<i>chagar</i>	198	14	<i>ferir, dar golpes, maltratar</i>
<i>esmar</i>	20	1	<i>pensar</i>
<i>espertar</i>	33	0	<i>acordar</i>
<i>filhar</i>	178	1	<i>tomar</i>
<i>guarir / gorir</i>	30	0	<i>sarar, guarecer</i>
<i>quitar</i>	28	2	
<i>sacar</i>	51	0	<i>tirar</i>
<i>semelhar</i>	183	4	<i>parecer</i>
<i>pres, prestes, presou, preserom, presera</i> PRENDER, Pret. perf. e mais-que-perf.	19	0	
<i>sia, siam, siia, siiam, seve, severom</i> SER, Pret. Imperf. e Pret. Perf.	42	0	
<i>afam</i>	26	0	<i>vontade</i>
<i>covardice</i>	23	0	
<i>andança</i>	49	4	
<i>ledice / lidice</i>	100	0	<i>alegria, prazer, sabor</i>
<i>Prez</i>	19	1	
<i>seeda / seda</i>	92	1	<i>cadeira</i>
<i>andante</i>	74	0	
<i>arrizado</i>	13	0	
<i>covardo</i>	14	0	
<i>esmorido</i>	20	0	<i>esmorecido</i>
<i>perjurado</i>	21	0	
<i>quite</i>	24	5	<i>livre</i>
<i>sanhudo</i>	26	3	
<i>seestro</i>	19	2	<i>esquerdo</i>

Quadro 7: Léxico possivelmente pertencente à tradução duocentista da Post-Vulgata arturiana que é residual ou inexistente no Livro José de Arimateia, em contraste com a Demanda do Santo Graal.

Independentemente da história de palavras particulares ou grupos de palavras semanticamente relacionadas, outras dimensões da evolução do léxico de uma língua podem ser consideradas. Uma delas é o contraponto entre inovação e obsolescência (esta exemplificada no Quadro 7, explicado adiante), duas tendências tão naturais e constantes na evolução das línguas como outros pares dicotómicos: mudança fonológica/analogia, assimilação/dissimilação, etc. A relação entre os dois termos destes pares não é direta, mas certamente interagem, num jogo complexo de equilíbrios e catástrofes talvez demasiado complexo para que possamos compreendê-lo. No caso do léxico é especialmente assim, dada a natureza extremamente heterogénea do objeto e a multiplicidade de fatores que criam dinâmicas de mudança neste domínio. Por isso

obsolescência e inovação lexical são normalmente tratados como aspetos independentes da mudança lexical, exceto nos casos particulares em que é possível encontrar uma relação direta entre uma palavra que morre e a inovação que a substitui (ainda que nem a obsolescência seja necessária para que exista inovação lexical nem a inovação conduza necessariamente à extinção de palavras pré-existentes). Os historiadores da língua portuguesa têm-se interessado sobretudo pela inovação lexical, identificando vagas de entrada de empréstimos na língua e avaliando a sua relevância para a história do léxico português, como exemplificam as passagens de Teyssier (1982) e Castro (2006) abaixo transcritas (cf. Piel 1989, que, além de caracterizar o fundo latino do léxico português, comparativamente a outras línguas românicas, identifica as diferentes origens dos empréstimos que ao longo do tempo se lhe juntaram: pré-latinos; germânicos; árabes; do latim medieval, humanista e científico-erudito; franceses e provençais; «exóticos»; italianos, espanhóis e outros).

«Vimos no capítulo II que formas eruditas e semieruditas, calcadas no latim, penetraram na língua desde as suas origens. Este processo de enriquecimento do vocabulário jamais cessou. Tornou-se, porém, particularmente intenso no século XV, com a prosa didáctica e histórica, e no século XVI, em consequência das tendências gerais do Renascimento humanista. No século XV os latinismos alimentam a prosa de D. Duarte (*Virtuosa Benfeitoria*) e a de D. Duarte, o autor do *Leal Conselheiro*. (...) Com o Renascimento humanista e o prestígio dos estudos latinos, este fenómeno só irá amplificar-se.» (Teyssier 1982, 68–69).

«O vocabulário do português enriqueceu-se, como o de todas as línguas europeias, com um número considerável de termos que designam conceitos e objectos relativos à civilização científica e técnica. Foi-se, por vezes, buscar no léxico existente a palavra própria para denotar o objecto novo (ex.: *comboio*), mas, na maior parte dos casos, recorreu-se como nas outras línguas românicas – e sobre o seu modelo – às raízes greco-latinas; ex.: *automóvel*, *autocarro*, *televisão*. A língua continua, assim, a criar termos eruditos como sempre fez, desde as suas origens.» (Teyssier 1982, 73).

«O séc. XV em Portugal assistiu à chegada do Renascimento, enquanto tomada de contacto com a literatura clássica, lida directamente e servindo de inspiração cultural e também linguística. Nesta perspectiva, um resultado quase imediato foi a entrada maciça de empréstimos lexicais tomados ao latim literário (e através dele ao grego) e injectados no léxico português. O latim dos clássicos romanos (que não da Igreja) tornou-se modelo para a renovação do português literário, com efeitos particularmente modificadores a nível da frase e do léxico. Detecta-se aqui algum contraste entre a atitude dos renascentistas do XV, preocupados em explorar as possibilidades de adaptação da língua portuguesa a novas realidades conceptuais e expressivas, e a dos autores do XVI, que não hesitavam em importar latinismos intactos.» (Castro 2006, 167).

Recorrendo de novo ao testemunho do manuscrito quinhentista do Livro de José de Arimateia, comparativamente à cópia quatrocentista, conservadora, da Demanda do

Santo Graal, reúne-se no Quadro 7 um conjunto de palavras (verbos, nomes e adjetivos) que eram usuais no português do século XIII, quando os dois textos foram conjuntamente traduzidos do francês (Castro 1983; 1993), mas já não o eram no português do século XVI. A comparação entre o número de ocorrências na Demanda do Santo Graal e o número de ocorrências (muitas vezes 0) no Livro de José de Arimateia torna claro que estamos perante algumas daquelas palavras que mereceram o seguinte apontamento do organizador da cópia quinhentista, Manuel Álvares, no prólogo da obra: «nom mudei senam os vocabulos inenteligiveis, que os que se podem entender na antiguidade daquele tempo os leixei ir». Fica assim exemplificado o reverso da inovação lexical, através da entrada de empréstimos, que é o foco de interesse de Paul Teyssier (1982) e Ivo Castro (2006). Significativamente, não se vê uma relação óbvia entre a «entrada maciça de empréstimos lexicais tomados ao latim literário» e o facto de palavras como as do Quadro 7 serem já desusadas no século XVI. Algumas das palavras que aparecem no Quadro 7 fazem parte da lista de «vocábulos antigos portugueses» de Duarte Nunes de Leão (*Origem da Língua Portuguesa*, 1606), nomeadamente, *adur*, *afã*, *consum*, *falha*, *filhar*, *hu*, *prez*, *toste* e *sanhudo*. Na mesma época que Duarte Nunes de Leão, também Rodrigues Lobo (*Corte na Aldeia*, 1616) se pronuncia sobre as palavras de que «se perdeu o uso»:

«E ao que dizeis das palavras antigas, posto que em algum tempo fôsem boas, não o ficam sendo na parte em que se perdeu o uso d'ellas; pois, como já disse, esse só é o fundamento e razão das palavras: e assim, não diremos *leixou*, *trouve*, *dixe*, *ca*, *sicais*, *acram*, *leidisse*, e outros vocabulos de que usaram auctores gravissimos de cujos escriptos podemos aprender a perfeição da lingua portugueza. E bastou o contrario uso para n'esta parte poderem seguir os que agora escrevem, e falam bem.» (Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, 1619).

O testemunho de Rodrigues Lobo mostra como o tema da obsolescência lexical tem uma interessante dimensão sociolinguística, e também geolinguística, já que as palavras desusadas pelos que «escrevem, e falam bem» não são necessariamente palavras inexistentes. Mas o estado da arte da lexicografia portuguesa (###8 Lexicografia) não permite, satisfatoriamente, seguir o rasto às palavras que o padrão literário foi excluindo e que se terão perdido ou não. O estudo da dinâmica evolutiva do léxico, como a descreve Piel, vê-se assim bastante limitado, face a outros domínios da gramática histórica e da história da língua portuguesa.

«Este longo e laborioso passado explica a falta de homogeneidade, em perspetiva histórica, que caracteriza a sua estrutura. Com efeito, o conjunto vocabular do português

nunca se manteve estacionário, antes evoluiu constantemente num ritmo ora mais, ora menos acelerado, evolução que não chegou ainda ao seu termo e que representa o esforço comum de homens procedentes de ambientes geográficos e sociais muito diversos. Entre as formas faladas-populares e as cultas-literárias observa-se uma permura contínua e fertilizadora, em ambos os sentidos. Ao caudal vocabular do primitivo património afluí, em ondas sucessivas, uma infinidade de elementos estrangeiros, europeus e extra-europeus, entrando em linha de conta praticamente todas as línguas com que os Portugueses, no decorrer da sua história, estiveram, directa e indirectamente, em contacto.» (Piel 1989, 9).

Referências

- Ali, Manuel Said (⁷1971, ¹1931), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos.
- Alonso, Dámaso (1958), *Metafonía y neutro de materia en España*, Zeitschrift für Romanische Philologie 74, 1–24.
- Alonso, Dámaso (1962a), *Ensondecimiento en el Norte peninsular de alveolares e palatales fricativas*, in: *La Fragmentación Fonética Peninsular*, Enciclopedia Lingüística Hispánica, Suplemento I, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 85–103.
- Alonso, Dámaso (1962b), *Metafonía, neutro de materia e colonización suditaliana en la Península Hispánica*, in: *La Fragmentación Fonética Peninsular*, Enciclopedia Lingüística Hispánica, Suplemento I, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 105–154.
- Alonso, Dámaso (1962c), *B = V en la Península Ibérica*, in: *La Fragmentación Fonética Peninsular*, Enciclopedia Lingüística Hispánica, Suplemento I, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 155–209.
- Álvarez, Rosario/Xove, Xosé (2002), *Gramática da Lingua Galega*, Vigo, Galaxia.
- Álvarez Pérez, Xosé Afonso (2014), *European Portuguese dialectal features: a comparison with Cintra's proposal*, Journal of Portuguese Linguistics 13, 29–62.
- Álvarez Pérez, Xosé Afonso (2015), *Isoglossas portuguesas nos materiais do Atlas Lingüístico de la Península Ibérica: análise crítica da Nova Proposta de Lindley Cintra*, Zeitschrift für romanische Philologie 131, 185–223.
- Álvarez Pérez, Xosé Afonso/Saramago, João (2012), *Áreas lexicais galegas e portuguesas: um novo olhar para a proposta de Cintra*, Estudis Romànics 34, 55–97.
- Amaral, Patrícia/Howe, Chad (2012), *Nominal and verbal plurality in the diachrony of the Portuguese Present Perfect*, in: Brenda Laca/Patricia Cabredo-Hofherr, *Verbal Plurality and Distributivity*, Berlin, Mouton de Gruyter, 25–53.
- Aramon i Serra, Ramon (1957), *Notes sobre alguns calcs sintàctics en l'actual català literari*, in: Günter Reichenkron/Mario Wandruszka/Julius Wilhelm (edd.), *Syntactica und Stilistica: Festschrift für Ernst Gamillscheg zum 70 Geburtstag*, Tübingen, Max Niemeyer, 1–33.
- Avelar, Juanito/Callou, Dinah (2007), *Gramática e Variação no Português Brasileiro: Considerações sobre «ter-haver» e «de-em»*, in: Maria Lobo/Antónia Coutinho (edd.), *Textos Seleccionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Colibri, 183–197.
- Avelar, Juanito/Callou, Dinah (2012), *Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial*, Matraga, v. 19, n. 30, 224–235.
- Barbato, Marcello (2012), *Origen y evolución de las alomorfías vocálicas radicales*, Revue de Linguistique Romane 76, 39–63.
- Badia i Margarit, Antoni Maria (1947), *Los complementos pronominalo-adverbiales derivados de IBI e INDE en la Península Ibérica*, Anejos de la Revista de Filología Española 38.
- Barbosa, Pilar/Flores, Cristina/Bastos-Gee, Ana (2016), *Variable Use of Strong Preterites in European Portuguese: A Quantitative and Theoretical Approach*, in: Olinco, *Olomouc Linguistics Colloquium, June 9-11, 2016, Book of Abstracts*, Olomouc, Palacký University,

http://olinco.upol.cz/wp-content/uploads/2015/11/Olinco2016_book-of-abstracts.pdf
(10.06.2016).

- Barreto, Therezinha Maria Mello (2002), *Observações sobre as conjunções no século XVI*, in: Rosa Virgínia Mattos e Silva/Américo Venâncio Lopes Machado Filho (edd.), *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos*, Salvador/Feira de Santana, EDUFBA/UEFS, 161–193.
- Barros, Anabela Leal de (2002), *O Particípio Passado: Aspectos da sua morfologia do século XIII ao século XVI*, dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Batllori, Montserrat (2007), *Sincronia i diacronia de «ser» i «estar»*, in: Sadurní Martí et al. (edd.), *Actes del Tretzè Col·loqui Internacional de Llengua i Literatura Catalanes, Universitat de Girona 8-13 de setembre de 2003*, vol. 2, Barcelona, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 43–54.
- Bechara, Evanildo (1991), *As fases da língua portuguesa escrita*, in: Dieter Kremer (ed.), *Actes du XVII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, vol. 3, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 68–76.
- Boléo, Manuel de Paiva/Silva, Maria Helena Santos (1974, ¹1959), *O Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental*, in: Manuel de Paiva Boléo, *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, vol.1: *Dialectologia e História da Língua*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 309–352.
- Brissos, Fernando (2014a), *New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels*, *Journal of Portuguese Linguistics* 13:1, 63–115.
- Brissos, Fernando (2015), *Dialectos portugueses do Centro-Sul: corpus de fenómenos e revisão do problema da (des)unidade*, *Zeitschrift für romanische Philologie* 131, 999–1041.
- Brissos, Fernando/Saramago, João (2014), *O problema da diversidade dialectal do Centro-Sul português: informação perceptiva versus informação acústica*, *Estudos de Lingüística Galega* 5, 53–80.
- Brocardo, Maria Teresa (2005), *Sobre periodização da história do português europeu: Contributo para uma discussão*, *Iberoromania* 62, 97–117.
- Brocardo, Maria Teresa (2006), *«Haver» e «ter» em português medieval: Dados de textos dos séculos XIV e XV*, *Revue de Linguistique Romane* 70, 95–122.
- Brocardo, Maria Teresa (2010a), *Portuguese Plusperfect: Elements for a Diachronic Approach*, *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* 5, 117–130.
- Brocardo, Maria Teresa (2010b), *O «passado do passado» - alguns dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português*, *Verba Hispanica* 20, 33–48.
- Brocardo, Maria Teresa (2013), *O pretérito perfeito – origem e evolução histórica*, in: Jasmina Markič/Clara Nunes Correia (edd.), *Descrições e Contrastes: Tópicos de gramática portuguesa com exemplos contrastivos eslovenos*, Ljubljana, Univerzav Ljubljani, Filozofska fakulteta, 111–117.
- Brocardo, Maria Teresa (2014), *Tópicos de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Colibri.
- Brocardo, Maria Teresa/Lopes, Célia Regina dos Santos Lopes (2016a), *History and Current Setting*, in: Leo Wetzels/João Costa/Sergio Menuzzi (edd.), *Handbook of Portuguese Linguistics*, Hoboken, NJ, Wiley Blackwell, 1–14.
- Brocardo, Maria Teresa/Lopes, Célia Regina dos Santos Lopes (2016b), *Main morphosyntactic changes and grammaticalization processes*, in: Leo Wetzels/João Costa/Sergio Menuzzi (edd.), *Handbook of Portuguese Linguistics*, Hoboken, NJ, Wiley Blackwell, 471–486.
- Câmara, JR., Joaquim Mattoso (1975), *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão/Prolivro.
- Cardeira, Esperança (2005), *Entre o Português Antigo e o Português Clássico*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Cardoso, Adriana (2010), *Variation and Change in the Syntax of Relative Clauses: New evidence from Portuguese*, tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Cardoso, Adriana (aceite), *Discontinuous noun phrases and remnant-internal relativization in the diachrony of Portuguese*, in: Ana Maria Martins/Adriana Cardoso (edd.), *Word Order Change*, Oxford/New York, Oxford University Press.

- Cardoso, Adriana/Pereira, Susana (2003), *Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português*, Revista da ABRALIN 2, 159–181.
- Carneiro, Zenaide (2005), *Cartas da Bahia: Um estudo linguístico-filológico*, tese de Doutoramento, Campinas, SP, Universidade de Campinas.
- Carrilho, Ernestina (2008), *Beyond doubling: overt expletives in European Portuguese dialects*, in: Sjef Barbiers et al. (edd.), *Microvariation in Syntactic Doubling*, Syntax and Semantics, vol. 36, Bingley, Emerald, 301–323.
- Carrilho, Ernestina (2009), *Sobre o expletivo ele em português europeu*, Estudos de Linguística Galega 1, 7–26.
- Carrilho, Ernestina/Pereira, Sandra (2011), *Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em Português europeu*, in: Armanda Costa/Pilar Barbosa/Isabel Falé (edd.), *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, CD-ROM, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 125–139.
- Carrilho, Ernestina/Pereira, Sandra (2013), *On the areal dimension of non-standard syntax: Evidence from a Portuguese dialect corpus*, in: Alena Barysevich/Alexandra d'Arcy/David Heap (edd.), *Proceedings of Methods XIV – Papers from the Fourteenth International Conference on Methods in Dialectology 2011*, Bamberger Beiträge zur Englischen Sprachwissenschaft/Bamberg Studies in English Linguistics 57, 69–79.
- Carvalho, José Herculano de (1984a), *Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo cabo-verdiano*, in: *Estudos Linguísticos*, vol. 2, Coimbra, Coimbra Editora, 7–31.
- Carvalho, José Herculano de (1984b), *Le vocalisme atone des parlers créoles du cap Vert*, in: *Estudos Linguísticos*, vol. 2, Coimbra, Coimbra Editora, 35–45.
- Carvalho, José Herculano de (1984c), *Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas «e» e «o» em sílaba átona*, in: *Estudos Linguísticos*, vol. 2, Coimbra, Coimbra Editora, 77–103.
- Carvalho, Joaquim Brandão de (1989), *L'origine de la terminaison -ão du portugais: une approche phonétique nouvelle du problème*, Zeitschrift für Romanische Phonologie 105, 148–160.
- Castro, Ivo (1983), *Sobre a data da introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da post-vulgata*, Boletim de Filologia 28, 81–98.
- Castro, Ivo (1991), *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Castro, Ivo (1993), *Demanda do Santo Graal; Livro de José de Arimateia; Matéria da Bretanha; Merlim*, in: Julia Lanciani/Giuseppe Tavani (edd.), *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Castro, Ivo (1999), *O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica)*, in: Isabel Hub Faria (ed.), *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Lisboa, Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 367–370.
- Castro, Ivo (2004), *A primitiva produção escrita em português*, in: *Orígenes de las Lenguas Romances en el Reino de León, Siglos IX-XII*, León, Centro de Estudios e investigación «San Isidoro», Caja España de Inversiones, Archivo Histórico Diocesano, 69–97.
- Castro, Ivo (2006), *Introdução à História do Português*, Lisboa, Colibri.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1970), *Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico*, in: *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica (1958)*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 115–134.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1971), *Nova proposta de classificação dos dialectos galego portugueses*, Boletim de Filologia 22, 81–116.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1983), *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa.
- Ciutescu, Elena (2013a), *Micro-parametric variation in Romance causative constructions*, Bucharest Working Papers in Linguistics 15, 45–60.
- Ciutescu, Elena (2013b), *Remarks on the infinitival subject of perception verb complements: evidence for two syntactic configurations*, Revue Roumaine de Linguistique 58, 299–312.
- Colaço, Maria João/Cardeira, Esperança (2013), *«Menço» ou «minto»? Regularização de paradigmas verbais*, Diacrítica 27, 69–94.
- Costa, João/Pereira, Sandra (2013), *«a gente»: pronominal status and agreement revisited*, Linguistic Review 30, 161–184.

- Eide, Kristina (2006), *Word Order Structures and Unaccusative Verbs in Classical and Modern Portuguese: The Reorganisation of Information Structure*, dissertação de doutoramento, Oslo, University of Oslo.
- Fiéis, Alexandra (2003), *Ordem de Palavras, Transitividade e Inacusatividade: Reflexão Teórica e Análise do Português dos Séculos XIII a XVI*, tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Fiéis, Alexandra/Lobo (2008), *As orações introduzidas por «des(de) que» na história do português*, in: Sónia Frota/Ana Lúcia Santos (edd.), *Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Colibri, 167–178.
- Fiéis, Alexandra/Lobo, Maria (2009), *Para uma diacronia das orações causais e explicativas do português*, in: Alexandra Fiéis/Maria Antónia Coutinho (edd.), *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 265–280.
- Fiéis, Alexandra/Lobo, Maria (2010), *Aspectos da sintaxe das orações gerundivas no Português Medieval e no Português Europeu Contemporâneo*, in: Ana Maria Brito et al., *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, Associação Portuguesa de Linguística, 419–434.
- Fiéis, Alexandra/Lobo, Maria (2011), *Propriedades de gerúndios e de infinitivos em português antigo*, in: Armada Costa/Pilar Barbosa/Isabel Falé (edd.), *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, CD-ROM, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 256–265.
- Fiéis, Alexandra/Lobo, Maria (2008) *As orações introduzidas por «des(de) que» na história do português*, in: Sónia Frota/Ana Lúcia Santos (edd.), *Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística/Colibri, 167–178.
- Filipe, Laura Martins (2007), *O caso de «er»/«ar»: um ponto mal esclarecido na história da língua portuguesa*, dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Florêncio, Manuela (2001), *Dialecto Alentejano: contributos para o seu estudo*, Lisboa, Colibri/Centro de Estudos do Alentejo.
- Galves, Charlotte/Gibrail, Alba (aceite), *Subject inversion in transitive sentences from Classical to Modern European Portuguese: a corpus-based study*, in: Ana Maria Martins/Adriana Cardoso (edd.), *Word Order Change*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- Galves, Charlotte/Kroch, Anthony (2016), *Main Syntactic Changes from a Principle-and-Parameters View*, in: Leo Wetzels/João Costa/Sergio Menuzzi (edd.), *Handbook of Portuguese Linguistics*, Hoboken, NJ, Wiley Blackwell, 471–486.
- Harris, Michael J. (2013). *The origin of the Portuguese inflected infinitive through a corpus analysis*, in: Jennifer Cabrelli Amaro et al. (edd.), *Proceedings of the 16th Hispanic Linguistics Symposium*, Somerville, MA.: Cascadilla Proceedings Project, 303–311.
- Hart, Thomas (1955), *Notes on the Sixteenth-Century Portuguese Pronunciation*, Word 11, 404–415.
- Hart, Thomas (1959), *The Overseas Dialects as Sources for the History of Portuguese Pronunciation*, in: *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (1957)*, vol. 1, Lisboa, 161–272.
- Houaiss, Antônio/Villar, Mauro de Salles/Franco, Francisco Manoel de Mello (2001), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva.
- Huber, Joseph (1986, ¹1933), *Gramática do Português Antigo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kaiser, George A. (1999), *A ordem das palavras e a posição do verbo finito no português antigo*, in: Ferenc Pál (ed.), *Actas do Congresso Internacional Organizado por Motivo dos Vinte Anos do Português no Ensino Superior*, Budapeste, Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade Eötvös Loránd, 248–259.
- Kaiser, George A. (2002), *Verbstellung und Verbstellungswandel in den romanischen Sprachen*, Tübingen, Niemeyer.

- Lapesa, Rafael (^o1981), *Historia de la Lengua Española*, Madrid, Gredos.
- Lapesa, Rafael (2000), *Estudios de Morfosintaxis Histórica del Español*, Madrid, Gredos.
- Lima, José Pinto de (2014), *Studies on Grammaticalization and Lexicalization/Estudos de Gramaticalização e Lexicalização*, LINCOM Studies in Theoretical Linguistics 53, München, LINCOM Europa.
- Lobo, Maria/Carrilho, Ernestina (2015), Combining geolinguistic sources in dialect syntax: Three case-studies through ALPI and CORDIAL-SIN, in: Xulio Sousa/Carlota de Benito/Víctor Lara (edd.), *Syntactic Variation in Western European Languages: From the Noun Phrase to Clause Structure*, Dialectologia, Special Issue V, 141–166.
- Lobo, Tânia (2001), *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*, tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Lobo, Tânia (2002), *A sintaxe dos clíticos: o século XVI, o século XX e a constituição da norma*, in: Rosa Virgínia Mattos e Silva/Américo Venâncio Lopes Machado Filho (edd.), *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos*, Salvador/Feira de Santana, EDUFBA/UEFS, 83–101.
- Lopes, Célia Regina dos Santos (2001), *O percurso de a gente em tempo real de longa duração*, in: Rosa Virgínia Mattos e Silva (ed.), *Para a História do Português Brasileiro*, vol.2.1: *Primeiros Estudos*, São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, FAPESP, 127–148.
- Lopes, Célia Regina dos Santos (2003), *A inserção de «a gente» no quadro pronominal do português*, Frankfurt am Main/Madrid, Vervuert/Iberoamericana.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986), *História do Galego-Português: Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o Século XIII ao Século XVI (com referência à situação do galego moderno)*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação científica.
- Maia, Clarinda (1995), *Sociolinguística histórica e periodização linguística: Algumas reflexões sobre a distinção entre português arcaico e português moderno*, *Diacrítica* 10, 3–30.
- Marques, Rui (2013), *Modo*, in: Eduardo B. Paiva Raposo et al. (edd.), *Gramática da Língua Portuguesa*, vol. 1, cap. 19, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 673–693.
- Marquilha, Rita (2000), *A Faculdade das Letras: Leitura e escrita em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Marquilha, Rita (2003), Mudança analógica e elevação das vogais pretónicas, in: Ivo Castro/Inês Duarte (edd.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. 2, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 7–18.
- Marquilha, Rita (2004), Traços distintivos, góticos e electrónicos, in: Rosario Álvarez/Antón Santamarina (edd.), *(Dis)curso da Escrita: Estudos de filoloxía galega ofrecidos en memoria de Fernando R. Tato Plaza*, A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 475–489.
- Marquilha, Rita (2009), «Eu ainda sou vivo»: Sobre a edição e análise lingüística de cartas de gente vulgar, *Estudos de Lingüística Galega* 1, 47–65.
- Martins, Ana Maria (1985), *Elementos para um Comentário Linguístico do Testamento de Afonso II (1214)*, dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (1988), *Metafonia verbal no português: Uma abordagem histórica*, in: Dieter Kremer (ed.), *Homenagem ao Prof. Joseph M. Piel por ocasião do seu 85º aniversário*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 349–366.
- Martins, Ana Maria (1994), *Clíticos na História do Português*, tese de Doutorado, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (1995), *A evolução das vogais nasais finais «-ã», «-õ», «-ê» no português*, in: Cilene da Cunha Pereira/Paulo R. D. Pereira (edd.), *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e Literários In Memoriam Celso Cunha*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 617–646.
- Martins, Ana Maria (1997), *Aspectos da Negação na História das Línguas Românicas: Da natureza de palavras como «nenhum», «nada», «ninguém»*, in: Ivo Castro (ed.), *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. 2, *Linguística*

- Histórica e História da Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 179–210.
- Martins, Ana Maria (2000), *Polarity items in Romance: Underspecification and lexical change*, in: Susan Pintzuk/George Tsoulas/Anthony Warner (edd.), *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*, Oxford/New York, Oxford University Press.
- Martins, Ana Maria (2001), *On the origin of the Portuguese inflected infinitive: a new perspective on an enduring debate*, in: Laura Brinton (ed.), *Historical Linguistics 1999: Selected Papers from the 14th International Conference on Historical Linguistics*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 207–222.
- Martins, Ana Maria (2002a), Mudança sintáctica e História da Língua Portuguesa, in: Brian F. Head et al. (edd.), *História da Língua e História da Gramática: Actas do Encontro*, Universidade do Minho – Centro de Estudos Humanísticos, 251–297.
- Martins, Ana Maria (2002b), *The Loss of IP-scrambling in Portuguese: Clause Structure, Word Order Variation and Change*, in: David Lightfoot (ed.), *Syntactic Effects of Morphological Change*, Oxford/New York, Oxford University Press, 232–248.
- Martins, Ana Maria (2003), *Relatório da cadeira de História da Língua Portuguesa, apresentado a concurso para Professor Associado do 2º Grupo A (Linguística Geral e Românica) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, Ana Maria (2005), *Clitic Placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance*, in: Montserrat Batllori et al. (edd.), *Grammaticalization and Parametric Change*, Oxford/New York, Oxford University Press, 175–193.
- Martins, Ana Maria (2006a), *Para a história do vocalismo átono português: a propósito do Testamento de D. Afonso II de 1214*, in: Clarinda de Azevedo Maia/Ana Cristina Macário Lopes, Graça Maria Rio-Torto (edd.), *Miscelânea de Estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, Revista Portuguesa de Filologia 35:1 [2003-2006], 295–319.
- Martins, Ana Maria (2006b), *Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese*, in: Randall S. Gess/Deborah Arteaga (edd.), *Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 327–355.
- Martins, Ana Maria (2007), *O primeiro século do português escrito*, in: Ana Boullón Agrelo (ed.), *Na Nosa Lyngoage Galega: A Emerxencia do Galego como Lingua Escrita na Idade Media*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega/Instituto da Lingua Galega, 161–184.
- Martins, Ana Maria (2009), *Subject doubling in European Portuguese dialects: the role of impersonal se*, in: Enoch O. Aboh et al. (edd.), *Romance Languages and Linguistic Theory: Selected papers from «Going Romance» Amsterdam 2007*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 179–200.
- Martins, Ana Maria (2011), *Scrambling and Information Focus in Old and Contemporary Portuguese*, Catalan Journal of Linguistics 10, 1–26.
- Martins, Ana Maria (2013), *Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia*, in: Rosario Álvarez/Ana Maria Martins/Henrique Monteagudo/Maria Ana Ramos (edd.), *Ao Sabor do Texto: Estudos dedicados a Ivo Castro*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 383–402.
- Martins, Ana Maria (2014a), *Syntactic Change in Portuguese and Spanish: Divergent and parallel patterns of linguistic splitting*, in: Patrícia Amaral/Ana Maria Carvalho (edd.), *Portuguese-Spanish Interfaces: Diachrony, synchrony, and contact*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 35–64.
- Martins, Ana Maria (2014b), *An argument against verb-second in Old Portuguese*, in: Alexandra Fiéis/Maria Lobo/Ana Madeira (edd.), *O Universal e o Particular: Uma vida a comparar, Homenagem a Maria Francisca Xavier*, Lisboa, Colibri, 207–216.
- Martins, Ana Maria (2015a), *Negation and NPI composition inside DP*, in: Theresa Biberauer/George Walkden (edd.), *Syntax over Time: Lexical, Morphological and Information-Structural Interactions*, Oxford/New York, Oxford University Press, 102–122.

- Martins, Ana Maria (2015b), *Ordem de palavras e polaridade: inversão nominal negativa com «algum»/«alguno» e «nenhum»*, *Diacrítica* 29, 401–428.
- Martins, Ana Maria (aceite), *Infinitival complements of causative/perception verbs in a diachronic perspective*, in: Anabela Gonçalves/Ana Lúcia Santos (edd.), *Complement Clauses in Portuguese: Syntax and Acquisition*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Martins, Ana Maria/Saramago, João (1993), *As sibilantes em português: um estudo de geografia linguística e de fonética experimental*, in: Ramón Lorenzo (ed.), *Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, Universidade de Santiago de Compostela, 1989, Sección IV: Dialectología e Xeografía Lingüística, Sección VIII: Onomástica*, A Coruña, Fundación «Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa», 121–142.
- Mateus, Maria Helena Mira, et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Mateus, Maria Helena/Andrade, Ernesto d' (2000), *The Phonology of Portuguese*, Oxford, Oxford University Press.
- Meier, Harri (1948), *A evolução dos pretéritos fortes em português*, in: Harri Meier, *Ensaio de Filologia Românica*, Lisboa, Edição da Revista de Portugal.
- Miller, D. Gary (1992), *Complex Verb Formation*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Morais, Maria Aparecida Torres (2001), *Aspectos da história das palavras negativas no português*, in: Rosa Virgínia Mattos e Silva (ed.), *Para a História do Português Brasileiro*, vol.2.1: *Primeiros Estudos*, São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, FAPESP, 149–203.
- Moreira, Júlio (²1922), *Estudos de Língua Portuguesa: Subsídios para a Syntaxe Historica e Popular*, Lisboa, Clássica Editora.
- Mota, Maria Antónia Coelho da/Rodrigues, Maria Celeste/Soalheiro, Elisabete (2003), *Padrões flexionais nos pretéritos fortes em PE falado setentrional*, in: Ivo Castro/Inês Duarte (edd.), *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 129–155.
- Muidine, Soraya Aboo (2000), *Os pronomes «i» e «en(de)» no português dos séculos XIII a XVI*, dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Naro, Anthony J. (1971), *The history of «e» and «o» in Portuguese: a study in linguistic drift*, *Language* 47, 615–645.
- Naro, Anthony J. (1976), *The genesis of the reflexive impersonal in Portuguese: A study in syntactic change as a surface phenomenon*, *Language* 52, 778–810.
- Nunes, José Joaquim (⁸1975, ¹1919), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa: Fonética e Morfologia*, Lisboa, Clássica Editora.
- Nunes, Jairo (1990), *O famigerado «se»: Uma análise sincrónica e diacrónica das construções com «se» apassivador e indeterminador*, dissertação de Mestrado, Campinas, SP, Universidade de Campinas.
- Nunes, Jairo (1991), *«Se» apassivador e «se» indeterminador: o percurso diacrónico no português brasileiro*, *Cadernos de Estudos Linguísticos* 20, 33–58.
- Oliveira, Fátima (2013), *Tempo Verbal*, in: Eduardo B. Paiva Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*, vol. 1, cap. 15, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 509–553.
- Parkinson, Stephen (2002), *The Portuguese final nasals: documenting a chronology*, *Santa Barbara Portuguese Studies* 6, 287–306.
- Pereira, Sandra (2003), *Gramática comparada de «a gente»: variação no português europeu*, dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Pereira, Sandra (2012), *Protótipo de um Glossário dos Dialectos Portugueses com Anotação Sintática*, tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Pereira, Sandra (2015), *Causative and Perception Constructions in European Portuguese: the dialectal data*, in: Xulio Sousa/Carlota de Benito/Víctor Lara (edd.), *Syntactic Variation in Western European Languages: From the Noun Phrase to Clause Structure*, *Dialectologia*, Special Issue V, 53–80.
- Pereira, Sílvia Afonso (2014a), *A sintaxe na classificação dos dialectos portugueses*, in: António Moreno et al. (edd.), *Textos Seleccionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, Associação Portuguesa de Linguística, 445–464.
- Pereira, Sílvia Afonso (2014b), *Variação sintática em Portugal e a fronteira com a Galiza*, in: Xulio Sousa/Marta Negro Romero/Rosario Álvarez (edd.), *Língua e identidade na*

- fronteira galego-portuguesa*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, 201–224.
- Pereira, Sílvia Afonso (2015), *Predicative constructions with gerunds in European Portuguese dialects*, in: Xulio Sousa/Carlota de Benito/Víctor Lara (edd.), *Syntactic Variation in Western European Languages: From the Noun Phrase to Clause Structure*, *Dialectologia*, Special Issue V, 351–371.
- Peres, João/Móia, Telmo (1995), *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Piel, Joseph-Maria (1944), *A flexão verbal do português (Estudo de morfologia histórica)*, *Biblos* 20, 359–404.
- Piel, Joseph-Maria (1989), *Origens e estruturação histórica do léxico português (1976)*, in: *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 9–16.
- Pinto, Adelina Angélica (1981), *A africada č em português: Estudo sincrónico e diacrónico*, *Boletim de Filologia* 26, 139–192.
- Pinto, Clara (2015), *Para a história da negação: o minimizador homem no português antigo*, *Estudos de Linguística Galega* 7, 109–123.
- Poggio, Rosauta Maria Galvão Fagundes (2002a), *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português: Uma abordagem funcionalista*, Salvador, EDUFBA.
- Poggio, Rosauta Maria Galvão Fagundes (2002b), *Comparação entre algumas preposições portuguesas documentadas no século XVI e no século XIV*, in: Rosa Virgínia Mattos e Silva/Américo Venâncio Lopes Machado Filho (edd.), *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos*, Salvador/Feira de Santana, EDUFBA/UEFS, 217–236.
- Ramos Alfajarín, Joan Rafael (2000), «Ésser», «estar» i «haver-hi» en català antic: estudi sintàctic i contrastiu, València/Barcelona, Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana/Publicaciones de l'Abadia de Montserrat.
- Révah, Israel Salvator (1958), *L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XV^{ème} siècle à nos jours*, in: *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*, Rio de Janeiro, 387–399.
- Ribeiro, Ilza (1995a), *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: O Efeito V2*, tese de Doutoramento, Campinas, SP, Universidade de Campinas.
- Ribeiro, Ilza (1995b), *Evidence for a Verb-second Phase in Old Portuguese*, in: Adrian Battye/Ian Roberts (edd.), *Clause Structure and Language Change*, Oxford/New York, Oxford University Press, 110–139.
- Ribeiro, Ilza (1996), *A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas «ter», «haver» e «ser»*, in: Mary A. Kato/Ian Roberts (edd.), *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*, Campinas, SP, Editora da UNICAMP.
- Rinke, Esther (2007), *Syntaktische Variation aus synchronischer und diachronischer Perspektive: Die Entwicklung der Wortstellung im Portugiesischen*, Frankfurt, Vervuert/Iberoamericana.
- Rinke, Esther (2009), *Verb Placement in Old Portuguese*, in: Andreas Dufter/Daniel Jacob (edd.), *Focus and Background in Romance Languages*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 309–332.
- Rinke, Esther (2010), *A combinação de artigo definido e pronome possessivo na história do português*, *Estudos de Linguística Galega* 2, 121–139.
- Rojas, Eunice (2004), *Análisis Comparativo-Diacrónico de los Usos de «Ser» e «Estar» en Español y en Catalán*, dissertação de Mestrado, Athens, Georgia, University of Georgia.
- Salvi, Giampaolo (1990), *La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica*, *Medioevo Romanzo* 15, 177–210.
- Salvi, Giampaolo (2000), *La formazione del sistema V2 delle lingue romanze antiche*, *Lingua e Stile* 35, 665–692.
- Saramago, João (1992), *Le parler de l'île de Corvo – Açores*, *Géolinguistique*, Hors série n° 1, Grenoble, Centre de Dialectologie, Université Stendhal, Grenoble III/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, INIC.

- Saramago, João/Segura, Luísa (2001), *Variedades dialectais portuguesas*, in: Maria Helena Mira Mateus (ed.), *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas (Catálogo)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 221–237.
- Scida, Emily (2004), *The Inflected Infinitive in Romance Languages*, New York/London, Routledge.
- Segura, Luísa (1988), *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Segura, Luísa (2013), *Variedades dialectais do Português Europeu*, in: Eduardo B. Paiva Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*, vol. 1, cap. 5, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 85–142.
- Segura, Luísa/Saramago, João (1999), *Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais*, in: Isabel Hub Faria (ed.), *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, Lisboa, Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 707–738.
- Silva, Augusto Soares (2012), *Stages of grammaticalization of causative verbs and constructions in Portuguese, Spanish, French and Italian*, *Folia Linguistica* 42, 513–552.
- Silva, Giselle Machline de Oliveira e (1982), *Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro*, tese de Doutorado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Silva, Giselle Machline de Oliveira e (1996), *Realização facultativa do artigo definido diante de possessivo e de patronímico*, in: Giselle Machline de Oliveira e Silva/Maria Marta Scherre (edd.), *Padrões Sociolinguísticos*, Rio de Janeiro, tempo Brasileiro, 119–145.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (1989), *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (1991), *O Português Arcaico: Fonologia*, São Paulo, Contexto.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (1994a), *Para uma caracterização do período arcaico do português*, *D.E.L.T.A.* 10, 247–276.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (1994b), *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe*, São Paulo, Contexto.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (2002a), *A definição da oposição «ser»/«estar» em estruturas atributivas nos meados do século XVI*, in: Rosa Virgínia Mattos e Silva/Américo Venâncio Lopes Machado Filho (edd.), *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos*, Salvador/Feira de Santana, EDUFBA/UEFS, 103–117.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (2002b), *Vitórias de «ter» sobre «haver» nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros*, in: Rosa Virgínia Mattos e Silva/Américo Venâncio Lopes Machado Filho (edd.), *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos*, Salvador/Feira de Santana, EDUFBA/UEFS, 119–142.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (2002c), *A variação «ser»/«estar» e «haver»/«ter» nas Cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros*, in: Rosa Virgínia Mattos e Silva/Américo Venâncio Lopes Machado Filho (edd.), *O Português Quinhentista: Estudos Lingüísticos*, Salvador/Feira de Santana, EDUFBA/UEFS, 143–160.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (2008a), *O Português Arcaico: Uma Aproximação*, vol.1: *Morfologia e Sintaxe*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e (2008b), *O Português Arcaico: Uma Aproximação*, vol.2: *Sintaxe e Fonologia*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Silva Domínguez, Carme (2002), *Frases Nominais com Posesivo en Galego: Estructura e valores referenciais*, *Verba, Anuario Galego de Filoloxía*, Anexo 50.
- Sória, Maíra Vasconcellos de Paiva (2013), *«Nós», «a gente» e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural*, dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Teyssier, Paul (1981), *Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV^e, XV^e et XVI^e siècles*, *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale* 6, 5–39.
- Teyssier, Paul (1982), *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa.
- Vasconcelos, José Leite de (1901), *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris/Lisboa, Aillaud.

Martins, Ana Maria (2016). Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: De Gruyter. 1-39.

- Vasconcelos, José Leite de (1928), *Opúsculos II: Dialectologia (Parte I)*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Vasconcelos, José Leite de (⁴1966, ¹1911), *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- Vasconcelos, José Leite de (1985), *Opúsculos VI: Dialectologia (Parte II)*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Vázquez Cuesta, Pilar/Luz, M. Albertina Mendes da (1971), *Gramática Portuguesa*, Madrid, Gredos.
- Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (³1973, ¹1883), *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, Romania 12, 29–98.
- Viana, Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1903), *Portugais: phonétique et phonologie, morphologie, textes*, Leipzig, Teubner.
- Wanner, Dieter (1991), *The Tobler-Mussafia Law in Old Spanish*, in : Hector Campos/Fernando Martínez-Gil (edd.), *Current Studies in Spanish Linguistics*, Washington, DC, Georgetown University Press, 313–378.
- Wanner, Dieter (2014), *The position of Ibero-Romance in the Romania and of Portuguese within Ibero-Romance*, in: Patrícia Amaral/Ana Maria Carvalho (edd.), *Portuguese-Spanish Interfaces: Diachrony, synchrony, and contact*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 11–34.
- Williams, Edwin (³1975, ¹1938), *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*, Brasília, Instituto Nacional do Livro.

ANA MARIA MARTINS